



*Centro Português
de Santos
e seu
Centenário*



**Relatório da aplicação do subsídio atribuído ao
Centro Cultural Português
para a remodelação do seu Teatro**

O Teatro do Centro Cultural Português foi inaugurado em 12 de abril de 1908. Em 1951 passou pela sua primeira remodelação, sendo reinaugurado em 13 de outubro de 1956. Com modernas poltronas e fina decoração, a sala recebeu então o nome do grande dramaturgo português Júlio Dantas.

Porém, em 4 de dezembro de 1979, em função da crise financeira da entidade, o teatro foi alugado para a uma empresa de cinemas, que manteve esta locação por mais de quinze anos. Em 27 de janeiro de 1995 voltou a ser administrado pela associação portuguesa, que o encontrou em péssimo estado de conservação.

Desde então as instalações têm sido alvo de várias remodelações, que pouco a pouco vão trazendo de volta o brilho de um dos mais belos teatros da cidade de Santos.

Com o subsídio atribuído em 2014 pelo Governo de Portugal, foi possível fazer as seguintes intervenções:

Compra de Material e mão de obra para Iluminação palco do Teatro	R\$ 11.662,00
Compra de Material e mão de obra para sonorização do Teatro	R\$ 29.938,00
Compra e instalação de 3 (três) passadeiras-carpete p/ mezanino	R\$ 4.780,00
Restauro parcial das pinturas murais do salão Camoniano	R\$ 18.500,00
TOTAL	R\$ 64.880,00

O Centro Cultural Português pretende reinaugar o teatro ainda este ano.

Santos, 26 de Janeiro de 2015.

José Duarte de Almeida Alves

Presidente

Autores

Maria de Fátima Pereira Alves

Maria Luiza Quaresma

Maria dos Anjos R. Gomes

Maria da Conceição Souza Teixeira

Zilda Ventura de Almeida

Fernanda Pires Gomes

Emerson Franco Rocha da Silva

Centro Português de Santos e seu Centenário



Centro Cultural Português

"Uma caminhada longa, começa sempre com um primeiro passo, em direção a uma conquista, que nos levará ao êxito de novos horizontes."

Os autores

Sumário

Apresentação	9
Depoimento do Com. Armênio Mendes	11
Depoimento do Cônsul	13
Palavras do Atual Presidente	15
Introdução	17

Parte I

História

1. Fundação do Centro Português de Santos	21
2. Salão Teatro	31
3. Salão Cerejeira	39
4. Salão Camoniano	43
Acervo	51
Painel de Teto	56
5. Biblioteca	61
6. Salão Alberto Ferreira dos Santos	66
7. Rancho Folclórico Verde Gaio	71
8. Os Presidentes da Casa	81

Parte II

Fatos e Reminiscências

9. Visitantes Ilustres	85
10. Escola João de Deus	89
11. Monarquia x República	91
12. Grêmio das Camélias	93
13. Ação Beneficente	95
14. Bloco dos Convencidos	96
15. Hora Literária	97
16. O Último Presidente do "Real" Centro Português	100
17. Orfeão do Centro Português de Santos	102
18. Revista Centro Português	104
19. Centro Português de Santos e as Associações Portuguesas	105

Parte III

Atualidade

20. A Misteriosa Relíquia do Salão Camoniano	109
21. O Ano do Centenário	111
Conselho Deliberativo / Fiscal	113
Diretoria Executiva	114
Departamento Feminino	116
Referências Bibliográficas	119

*A*presentação

Bem hajam todos aqueles que fazem da vida o tempo de concretização de seus sonhos e tornam, o presente, o tempo síntese do passado e futuro.

É qual luso descendente em terras do Novo Mundo que sinto o fluir do tempo escrito por sucessivas gerações anônimas e heróicas que aproximam com suas obras a distância inscrita pelo Atlântico. Sejam elas de pedra ou de palavras, de música ou de danças.

Bastou-me ler os originais deste livro para ouvir a arquitetura do Centro Português contar a sua história de um século, tão bem relatada pelo olhar atento e mãos sensíveis de seus autores.

Caros leitores, bem-vindos a esta casa! Deixem-se conduzir pelos seus escritores, anfitriões generosos, que abriram as portas para sua visita, o que a todos honrará.

Sylvia Maria Corrêa da Rocha Homem de Bittencourt
Dr^a em Letras pela USP



Depoimento *Com. Armênio Mendes*

Como português sinto-me orgulhoso em poder aqui deixar o meu depoimento sobre o que penso dos portugueses e de suas obras deixadas pelo mundo. Como testemunha viva da capacidade de trabalho e abnegação desse povo, encontra-se a magnífica obra que é o **CENTRO PORTUGUÊS DE SANTOS**, onde tive a honra de ser Vice-Presidente por quatro anos, e Presidente por dois anos.

Repito orgulhoso de ser português. Um povo que soube construir uma história rica, talvez uma das mais ricas do mundo. Saíram de seu cantinho, enfrentaram os mares em longínquas distâncias, porém, todos os perigos que os mesmos poderiam oferecer, não eram tão fortes quanto a força que pairava dentro de si, a motivá-los a ir adiante, em busca do seu objectivo, que era a construção de sua história. O descobrimento do Brasil faz parte dela, entre tantas outras.

Falei de um passado distante - o início dos tempos, mas a coragem e o heroísmo dos portugueses continuou. Há cem anos, ou seja, a geração que sucedemos, continuou nos deixando mostra disso, participando da construção e desenvolvimento da nossa cidade de Santos, e de outras espalhadas pelo mundo, registrando, em todas elas, a sua marca de trabalho, caráter e dedicação.

Lembramo-nos com alegria dos portugueses que aqui fizeram suas primeiras reuniões, acalentando um sonho que se tornou realidade com a construção do **CENTRO PORTUGUÊS DE SANTOS**. E, inspirados neles, é que todos nós precisamos de atuar para mantermos vivo esse legado. Nossa geração não pode ficar apagada da história rica que nossos antepassados construíram. Deve deixar sua marca. Os tempos mudam e exigem esforços e participação para que a nossa obra não pare no tempo. Por isso, permito-me fazer alerta à nossa geração: a imigração de portugueses para o Brasil parou, e nós, que fazemos parte dessa última safra, temos uma missão muito especial, que é A PREPARAÇÃO DE NOSSO LEGADO AOS NOSSOS FILHOS. Os tempos requerem esforços maiores. Bancos se fundem, pequenas empresas também, por quê tem que ser diferente com nossas associações, que são tantas e algumas pouco expressivas? Esta é a hora de pensarmos nisso, com a mesma coragem, dedicação e amor com que nossos antepassados as construíram. Precisamos de não ficar fora de nossa história.

Finalizando, quero registrar o meu apreço por esta bela edição que veio marcar o Centenário do **CENTRO PORTUGUÊS DE SANTOS**. Parabênizo toda sua Diretoria pelo trabalho que vem desenvolvendo e, também, este grupo feminino, liderado pela Sr^a Maria de Fátima Pereira Alves, esposa do Sr. José Duarte de Almeida Alves, atual Presidente, que foi responsável por esta obra que levará nossa gente mais nova a conhecer o que os portugueses são capazes de fazer.

Santos, 01 de Novembro de 1995
Armênio Mendes



Palavra do Cônsul de Portugal

Ao percorrer as páginas deste livro, volvidos que são 100 anos de fundação do Centro Português de Santos, somos tomados por estimulantes pensamentos que nos permitem compreender com clareza a génese da associação portuguesa mais tradicional da nossa região.

É com profunda emoção que relembremos e homenageamos os sócios fundadores do Centro Português, lusitanos ilustres dos mais variados quadrantes socio-económicos, que deram origem a um projecto meritório que visava, essencialmente, a aglutinação dos valores portugueses em terras de além-mar.

A vida do Centro Português é na realidade uma lição de história; de facto, as etapas do seu trajecto encontram-se intimamente ligadas aos acontecimentos dignos de memória que marcaram a cidade de Santos durante todo este século.

A própria sede do Centro é testemunho vivo da grandiosidade do Espírito Português, que divulga e imortaliza o arrojo do nosso Povo e que glorifica a presença portuguesa no Brasil.

Por outro lado, apraz-me de sobremaneira verificar que ao fim de um conturbado século existem ainda portugueses e luso brasileiros que perpetuam tão dignamente a Obra iniciada pelos seus antepassados, mantendo actuais os seus mais nobres ideais.

Resta-me, assim, felicitar em nome do Consulado e em meu próprio nome, o Centro Português de Santos pela passagem do seu primeiro centenário na pessoa de todos aqueles que tanto contribuíram e continuam a contribuir para o orgulho de ser português e para o reforço dos laços fraternais entre Portugal e Brasil.

Santos, 11 de outubro de 1995
Dr. José Pedro Machado Vieira



Palavras do Atual Presidente

Como presidente do Centro Português de Santos, sinto-me orgulhoso de, em nome de meus companheiros, falar-vos desta casa e da data festiva que jubilosamente hoje comemoramos.

Ao iniciarmos a nossa gestão constatámos a imensa responsabilidade que estava em nossas mãos, pois tínhamos que fazer jus ao centenário desta casa.

Verificamos as péssimas condições de preservação do edifício- sede e decididos e firmes em lutar pela sobrevivência da entidade, iniciámos uma cruzada incansável, não só para o restauro como para elevar culturalmente o nome do Centro Português.

Na esperança de poder entregar à comunidade o prédio totalmente restaurado, encontra-se esta diretoria empenhada e unida em torno deste ideal, reunindo forças e sentimentos, superando dificuldades e se fazendo presente com o seu humanismo, a sua solidariedade, seu altruísmo, entregando-se de corpo e alma a causa abraçada.

Faço aqui um agradecimento especial à diretoria, a que tenho a honra de presidir, constituída por companheiros solidários e participantes da grande obra e das realizações que empreendemos. Hoje vibramos todos de alegria, numa demonstração legítima de que somos uma família unida num só objetivo, de continuar a manter a portugalidade deste monumento.

Quisemos desta forma assinalar uma efeméride que nos diz tão de perto: louvar os que nos antecederam e assumir o compromisso de dar continuidade à sua obra. Fazendo-o não estaremos apenas a dar conteúdo à nossa vida, mas também a engrandecer no Brasil o nome de Portugal.

O Centro Português é uma obra mais que centenária, é uma obra de amor e cultura, uma prova efetiva duma integração cultural, social e artística entre portugueses e brasileiros.

O homem só será grande se grande for o seu ideal, portanto os grandes homens que levaram avante a ideia do Centro Português eram antes de tudo grandes idealistas. No entanto, é preciso que se conjugue com a eternidade dos patrimônios a modernidade dos objetivos, e que estes acompanhem o ritmo do tempo e os desafios de gerações. Que no futuro continue a palpitar, pela ação dos brasileiros, luso - descendentes ou não, a velha alma lusitana para garantir a eternidade da nossa cultura.

Bem hajam os que fizeram. Bem hajam... Pelos que ainda hão-de fazer.

Santos, novembro de 1995
José Duarte de Almeida Alves

Introdução

Este livro pretende ser uma homenagem ao glorioso Centro Português de Santos, símbolo de lusitanismo e integração da Colônia Portuguesa, que no Brasil mais que em outros países, mantém vivas a cultura e as tradições de sua pátria longínquas.

O que apresentamos neste modesto trabalho não retrata a grandeza de homens e mulheres que marcaram a história do Centro Português, pessoas estas que com grande paixão removeram montanhas, aglutinaram esforços, dobraram vontades e conseguiram apoio para manter vivo o sentido eterno do Centro Português.

O sonho de uma equipe de pessoas que ama o Centro Português se concretiza neste trabalho, para o qual não mediu esforços para a realização de uma obra que marque o centenário desta casa.

Durante a indispensável pesquisa efetuada para a elaboração deste trabalho chegamos à descoberta de verdadeiros tesouros, nos arquivos do Centro Português e buscamos alcançar a elaboração de uma obra que venha a refletir a cultura lusitana, tão bem representada na sociedade santista por meio desta casa.

Temos a mais pura e autêntica arte nos salões do Centro Português. Obras de grandes artistas reconhecidos internacionalmente fazem parte deste acervo fantástico, assim como sua arquitetura, tão cara às almas portuguesas, que retrata o estilo neomanuelino e testemunho também da hora de glória que vivia a colônia em Santos.

Este trabalho não tem a pretensão de refletir a dimensão real da Colônia Portuguesa e a influência por ela exercida, não por falha do esforço de nosso grupo, mas por falta de elementos válidos e seguros de consulta. Por meio dessa árdua pesquisa vimo-nos transportados ao passado, surgindo a cada instante, o interesse em descobrir porque surgiu a idéia da fundação do Centro Português, como foi fundado, para quê, a maneira como se mobilizou a colônia portuguesa para arrecadação de recursos necessários a tamanho empreendimento e os grandes homens que ficaram na história desta casa, desde 1895 até nossos dias.

Parte I

História



Dr. Manuel Homem de Bittencourt - Nasceu a 20 de março de 1855 na freguesia de São João Batista, Pico, Açores, descendente de uma família ilustre das Canárias, contando na sua árvore genealógica o primeiro Vice-Rei Homem de Bittencourt. Chegou ao Brasil em 1869, fixando residência no Rio de Janeiro. Formou-se em cirurgia dentista na Faculdade de Medicina e serviu a Casa Imperial. Casou-se com Dna. Alexandrina Cardoso da Menezes e Sousa, sobrinha do Barão Paranaíplacaba, ilustre poeta e escritor santista. Transferiu-se para Santos, foi o primeiro dentista da Beneficência Portuguesa, sendo mais tarde seu presidente. Serviu à Santa Casa de Misericórdia e seu consultório na Rua XV de Novembro nº 19, era muito prestigiado e popular. Nunca recusou os seus serviços a todos os necessitados que lhe recorriam. Homem que nasceu com o dom da caridade. Foi partidário do regime monárquico sendo agraciado com as comendas da Ordem da Rosa pelo Imperador do Brasil D. Pedro II e da Ordem do Nosso Senhor Jesus Cristo pelo governo monárquico português. Muito deve o Centro Português de Santos a este homem que trabalhou incansavelmente por esta casa, falecendo a 31 de agosto de 1919, deixando a Colônia Portuguesa um dos maiores defensores dos humildes e desprotegidos compatriotas.

Gonzaga. O novo sistema de transportes fez com que nascessem novos bairros e, assim, expandisse a cidade.

O cais de Santos, que se tornou o maior da América Latina, tinha completado, sob a direção da Companhia Docas de Santos, seus primeiros 260m, o que possibilitou atracar no dia 2 de fevereiro de 1892 o primeiro vapor "Nasmith", de bandeira inglesa, para efetuar suas operações de carga e descarga de mercadorias. A construção do novo porto contou com a participação dos imigrantes portugueses, sendo a mão de obra preferida da Companhia Docas de Santos, que como retribuição à colaboração recebida, prestou inúmeros benefícios a entidades portuguesas.

A comunidade já contava com os valiosos serviços prestados pelos jornais: "O Diário de Santos" e "A Tribuna", este último fundado por Olímpio Lima e Alberto Veiga, português, em 26 de março de 1894. Até hoje

este jornal está na vanguarda da comunicação jornalística.

Por Lei Municipal, em 26 de julho de 1894, foi criado o Corpo de Bombeiros, sendo construído seu próprio quartel, anos mais tarde, de 1905 a 1907.

Santos pode-se orgulhar de ser a primeira cidade do país a realizar a "Primeira Competição de Regata", em 1893, organizada pelo Clube de Regatas Santista, fundado quase que exclusivamente por portugueses.

Um imenso esforço para vencer os surtos epidêmicos criou novos planos de saneamento. A cidade já contava com a Santa Casa de Misericórdia, obra do colonizador português, e de relevante desempenho no setor da saúde pública, assim como a Beneficência Portuguesa de Santos (1878), o maior empreendimento realizado pelos portugueses que dignifica a presença lusa em Santos.

A cidade tomava as características que hoje conhecemos. O Largo da Coroação passou a denominar-se Praça Mauá, a rua das Flores, em rua Amador Bueno, já com iluminação desde 1887; a praça dos Andradas surge ajardinada, totalmente arborizada, com pequenos lagos, ilhas e pontes, cercada de gradil de ferro, tendo ao centro a Câmara Municipal, hoje Cadeia Velha, e ao lado o famoso Teatro Guarani.

A grande expansão do setor cafeeiro trouxe a Santos um forte desenvolvimento no comércio, e nele o imigrante português teve pujante domínio.

Grandes personalidades portuguesas se destacavam na nossa sociedade; figuras de grande valor empreendedor, cultural e moral engrandeciam a comunidade luso-brasileira. Sempre que se fala do emigrante da nossa raça, não se pode deixar de associá-lo ao sentimento de bondade, à humildade, ao

trabalho, à honradez, à fé e à determinação.

A criação do Centro Português de Santos está ligada a fase de consolidação da República, a qual se processou num ambiente de agitação política, quando o governo do então Marechal Floriano Peixoto enfrentou duas revoluções de diferentes origens, mas coligadas: Revolta Federalista, do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, chefiada pelo antigo Senador do Império Gaspar da Silveira Martins, Gumerindo Saraiva e Silva Tavares; e a Revolta da Armada, do Rio de Janeiro, chefiada pelo Almirante Custódio de Melo a quem adериu, depois, o Almirante Saldanha da Gama.

Descendeia-se uma guerra civil, é decretado estado de sítio em toda a nação, ficando o Estado de São Paulo fiel ao governo da República.

Em 1894, com a sangrenta derrota dos dois movimentos revolucionários, consoli-

Alberto Antonio Ferreira da Veiga - Brillhante jornalista, primeiro orador oficial do Centro Português, e professor da Escola João de Deus, nasceu a 16 de julho de 1858, em Vila Nova de Gaia, Portugal. Casado, pai de 9 filhos dois dos quais herdaram sua veia jornalística. Octávio Veiga e Nair Lacerda. Chegou ao Rio de Janeiro aos 11 anos, trabalhou no comércio, iniciando seus estudos em bibliotecas públicas e associações culturais, onde desenvolveu enorme talento literário, ingressando mais tarde no jornalismo. Na juventude participou das campanhas abolicionistas e republicanas, elaborou e fundou vários jornais. Chegou a Santos em 1891, ingressou no corpo redatorial do "Diário de Santos", fundou ao lado do Olímpio Lima "A Tribuna do Povo" em 26 de março de 1894. Em 1895 fundou "A Folha", e com o término deste jornal, voltou a trabalhar com Olímpio Lima em "A Tribuna" como redator chefe, onde manteve uma coluna diária na primeira página, "Notas Discretas", durante vinte e oito anos. Socialista cristão, vereador das Câmaras de Santos e São Vicente, prefeito de São Vicente, fundador do Albergue Noturno, diretor da Associação Comercial e fundador da Liga dos Empregados no Comércio. Escreveu os livros: "Operários de Casaca", "O Declive", "De tudo para todos", "Na esteira da Luz", "Finanças Municipais" e "Meu Testamento Moral". Em 13 de outubro de 1920, o rei Alberto da Bélgica lhe conferiu o grau de Oficial da Ordem de Leopoldo II, por méritos literários. Faleceu em Santos a 18 de maio de 1923.





Praça da República - Local da primeira sede do Centro Português de Santos no ano de 1895.

do-se o regime republicano no Brasil. Mas a fracassada Revolta no Rio de Janeiro termina com um problema diplomático entre Brasil e Portugal.

No dia 11 de março, o Marechal Floriano avisa aos barcos estrangeiros, atracados na Baía da Guanabara, que deviam retirar-se da área do porto e que os revoltosos tinham 48 horas para se entregar, caso contrário as 13 fortalezas e a esquadra legalista abririam fogo.

Sendo assim, o Almirante Saldanha da Gama pede para o Comandante português, Augusto de Castilho, asilo para os setenta revoltosos e para ele próprio. O Comandante Castilho aprovou o pedido. A proposta de rendição tinha por cláusula principal a retirada da oficialidade para o estrangeiro, com garantia de vida a inferiores e praças.

Em 21 de janeiro de 1896 o Rei D. Carlos I concedeu a instituição o honroso direito de usar a palavra "REAL", antecedendo sua designação, passando a chamar-se Real Centro Português, em agradecimento aos benéficos serviços prestados à Pátria em momentos difíceis para a Colônia Portuguesa de Santos. Em 1945, porém esse privilégio deixou de ser utilizado. Na foto, o Rei D. Carlos I, presidente Honorário do Centro Português de Santos.



O Ministro de Portugal levou o escrito ao presidente Floriano que ficou de consultar seus ministros. No entanto, na manhã seguinte, os revoltosos sob a chefia de Custódio de Melo e Saldanha da Gama, recolheram-se nos navios portugueses "Mindélo" e "Afonso de Albuquerque", sob o assombro do Comandante Castilho e da marinhagem portuguesa, com mais de 500 pessoas que se apinhavam no convés e zarparam rumo ao Prata.



Vista da Rua Amador Bueno em meados de 1895.

O Marechal Floriano exige a entrega dos refugiados, com o que o Presidente do Conselho de Portugal, Hintze Ribeiro, concordou. No entanto, o Almirante Custódio negou, firmado nos princípios de honra. Era seu dever levar a salvamento todos aqueles que tinham se abrigado sob a proteção da sua bandeira.

Confirmava-se assim o fim de um episódio que através de um humanitário asilo, trouxe como consequência o rompimento das relações diplomáticas entre os dois países.

A Colônia Portuguesa em Santos, sem representação diplomática, nem consular, passou a sofrer represálias dos florianistas mais exaltados. Os portugueses sem amparo moral, intelectual e jurídico-social, contavam apenas com a Beneficência Portuguesa, que, apesar de ser o único abrigo inviolável e respeitado, pois tratava-se de um hospital, não correspondia a todos os seus anseios. Assim sendo, o sonho de construir uma associação onde reunisse a Colônia Portuguesa com fins recreativos, educativos, culturais e para defesa e amparo dos portugueses humildes e desprotegidos, fez surgir o Centro Português de Santos.

Apesar do restabelecimento das relações diplomáticas entre Portugal e Brasil, na presidência de Prudente de Moraes, após a vinda do representante do governo português o Conselheiro Tomás Ribeiro, continuou havendo uma grande exaltação patriótica, o que fez com que 40 personalidades portuguesas com grande entusiasmo se reunissem na Praça Mauá nº 33, a 3 de novembro de 1895, para realizar a primeira reunião instauradora do Centro Português de Santos.

A idéia repercutiu com tal sucesso que no dia 10 de novembro, 7 dias após, já eram mais de 100 indivíduos, entre trabalhadores, operários, comerciantes, profissionais liberais, e toda a expressão da colônia portuguesa, que, reunidos na antiga Capitania dos Portos, à rua Xavier da Silveira, discutiram os estatutos da entidade elaborados sob a orientação do Dr. Manuel Homem de Bittencourt, cirurgião dentista efetivo da Sociedade Portuguesa de Beneficência e figura muito popular na cidade. Logo a seguir, surge na imprensa de Santos um convite à colônia portuguesa para se reunir no Teatro



Jardim da Praça dos Andradas
Ponto de encontro da sociedade santista, toda cercada com grade de ferro, tendo no seu interior um reluzente lago, com frondosas árvores, bancos, belos jardins e pavilhões onde se realizavam as fôrmas muito concorridas para arrecadação de fundos para o Centro Português de Santos.

Guarani a 1º de dezembro de 1895, dia da comemoração da Restauração de Portugal em 1640. Dia também da fundação do Centro Português, uma iniciativa do Vice-Cônsul de Portugal, Luís José de Matos, do Dr. Manuel Homem de Bittencourt, Joaquim Inácio da Fonseca Saraiva, José Maria de Azevedo Magalhães e José Maria Soares, digníssimos idealizadores do Centro Português de Santos.

Às uma e meia hora da tarde do dia 1º de dezembro, sob intensa vibração do público que lotava o recinto do Teatro Guarani, deu-se início a sessão solene da fundação do Centro Português. José Maria de Azevedo Magalhães abriu a sessão, comunicou a ordem dos trabalhos e ofereceu a presidência da mesa ao Dr. Manuel Homem de Bittencourt, que declarou solenemente inaugurado o Centro Português, e, após um imponente discurso, deu a palavra ao orador oficial, o brilhante jornalista Alberto Veiga, que historiou os fatos referentes à restauração e independência de Portugal, em 1640, e explicou os motivos da criação do Centro

Vista lateral do edifício, para a Rua Martim Afonso.



Português, que era congregar todos os portugueses com a finalidade do culto ao tradicionalismo, da cultura literária, científica, profissional e social sem intuítos políticos e para defesa e amparo dos portugueses humildes e desprotegidos. Depois ainda usaram a palavra, com eloquência e ardor, sob calorosas salvas de palmas dos con-

Janela superior em estilo neomanuelino.



vidados, Luís de Matos, Vice-Cônsul de Portugal, Francisco Pereira, em nome da "Tribuna do Povo", Firmino Antonio de Almeida, Dr. Sales Braga, Joaquim Inácio da Fonseca Saraiva, Antonio Fernandes de Castro, o poeta Damasceno Vieira, José Guedes e Major Bacellar. Alguns desses oradores discursaram de improviso, levantando-se de seus camarotes, tamanho era o entusiasmo de todos os presentes. A sessão foi secretariada por Vitor Soalheiro e Firmino de Almeida encerrando-se às 4 e meia da tarde ao som dos hinos de Portugal e Brasil, tocados pela Banda do 3º Batalhão de Polícia, em meio de fervorosas palmas e vivas as duas pátrias co-irmãs. Ao deixar o teatro, o povo percorreu as ruas até a sede social com a banda de música à frente, o que tornou esse dia inesquecível em toda cidade de Santos. À noite, as festividades culminaram



com a apresentação da Companhia Ismênia dos Santos, dirigida pelo ator Dias Braga, levando a cena, no Teatro Guarani, o drama em cinco atos, de autoria do ilustre escritor Manuel Pinheiro Chagas, "O Drama do Povo".

Formaram a galeria dos sócios fundadores: Adelino Corrêa da Costa, Adriano Antonio, Alexandre Ventura, Antonio Alves Agante, Antonio Dias Pereira, Antonio dos Santos Coelho Germano, Antonio Marialva, Antonio Pereira Marques, Antonio Rodrigues Mercador, Antonio Simões Gonçalves, Artur Mendes Guimarães, Augusto Rosa da Fonseca Junior, Basílio da Fonseca, Basílio Pinto de Jesus, Durval Augusto Lourenço, Fernando Cerquinho, Firmino Antonio de Almeida, Francisco Augusto de Sousa, Francisco Augusto dos Santos, Francisco Luiz de Paiva, Francisco Marques Gaspar, Francisco Martins, Francisco Xavier Nunes, Joaquim Agostinho, Joaquim de

Detalhe frontal da janela central, notando-se detalhe do Brasão do Centro Português de Santos.

Almeida, Joaquim Fróes Pião, Joaquim Soares, João Gonçalves dos Santos, José Adelino Corrêa, José Alves Agante, José da Silva Mascarenhas, José Gaspar, José Maria Simões Lopes, José Mello, José Moreira Mata, Júlio de Almeida Cardador, Leon Beri Ohel, Manuel Antonio Gomes Tinhela, Manuel Antonio Teixeira, Manuel de Almeida, Manuel de Sousa Carvalho, Manuel Domingues Guerra, Manuel Ferreira de Menezes, Manuel Leal, Manuel Pereira Ribeiro, Manuel Rosa, Manuel Soares, Sebastião Mendes Ferreira e Vitor Soalheiro.

A primeira sede social do Real Centro Português foi na Praça da República nº 11 e iniciou suas atividades com a fundação da Escola "João de Deus", da qual foi professor o ilustre jornalista Alberto Veiga. A escola ensinava o curso primário, dança, arte dramática, esgrima, francês e música, sob a direção do maestro João Gonçalves Loio que

chegou a formar a Banda do Centro, que deu origem a Sociedade Musical Colonial Portuguesa, em 10 de abril de 1896.

Com as aulas de dança e arte dramática organizou-se a Corporação Cênica do Centro Português, uma das criações mais antigas da entidade, pois a primeira apresentação teve lugar no dia 2 de maio de 1899. Inúmeros foram os espetáculos promovidos e muitos nomes da cena teatral brasileira aí foram revelados.

A cidade de Santos vivia um momento de relevante impulso cultural e social, contando com numerosas associações de destaque na sociedade, e o Centro Português, com grande atividade e crescimento do corpo associativo, começou a sonhar com sua sede própria, para não deixar apagar a chama que aqueceu e iluminou tão empolgante conquista, orgulho da Colônia Portuguesa.

O projeto do edifício social próprio inicia-se com a aquisição do terreno murado a Rua Amador Bueno, esquina com Martim Afonso, onde foi lançada a pedra fundamental do edifício à 15 de maio de 1898, data em que se comemorava o quadricentenário do descobrimento marítimo para as Índias, cujo acontecimento de repercursão universal constituiu o motivo central do poema épico de Luís de Camões, *Os Lusíadas*.

O edifício projetado pelos engenheiros portugueses Ernesto de Maia e João Esteves Ribeiro da Silva, inspirados no estilo manuelino, teve uma comissão de obras composta por Antonio Domingues Pinto, Dr. Manuel Homem Bittencourt, Antonio Marques Bento de Sousa e Viriato Correa da Costa.

Para a construção de um palacete em majestoso estilo neomanuelino, com muita

Porta externa da entrada principal.



pompa e riqueza, foram feitas muitas arrecadações através de leilões e tómbolas que foram verdadeiro sucesso. Estes acontecimentos eram realizados em praça pública, mais propriamente nos jardins da Praça dos Andradas, e contava com a participação de todos os segmentos da Colônia Portuguesa em Santos.

Às 2 horas da tarde do dia 2 de maio de 1899, em comemoração do 399º aniversário da descoberta do Brasil, realizou-se uma cerimônia para colocação da última telha, que contou com a presença maciça dos associados, dando grande brilhantismo ao fato. Esta magnífica obra só foi possível graças a colaboração dos beneméritos: Antonio Domingues Pinto, que arcou com todas as despesas do término da obra e de Antonio dos Santos Coelho Germano que custeou e executou os serviços de funilaria, calhas de cobre, encanamento de água e gás sem quaisquer ônus para os cofres sociais, dando fim a um período de grande desânimo pela paralisação das obras, devido a grandes dificul-

dades financeiras, apesar do esforço das diretorias que muito lutaram pela entidade.

A inauguração deu-se, no dia 8 de outubro de 1900, em clima de grande euforia e regozijo, por verem-se concretizados todos os objetivos a que se propuseram os integrantes desta associação lusíada. Os andaimes, no entanto, só desapareceram, em 1901, quando o benemérito presidente, daquela época, Viriato Corrêa da Costa entregou-o completamente revestido.

O edifício é considerado ainda hoje um dos mais belos da Baixada Santista, foi decorado com motivos próprios do estilo evocado: janelas e portas em arcos redondos, com cordas, estrelas, cruzes de Cristo, escudos reais, esferas armilares entre colunas em forma de troncos esguios, com espiral nas pontas. Apenas outros dois edifícios mantêm essas características no Brasil: Gabinete Português de Leitura, de Recife, Pernambuco, e o Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro.



Centro Português de Santos - Vista frontal do edifício em estilo neomanuelino, sito Rua Amador Bueno nº 188.



Palco do Teatro com a primeira apresentação do Rancho Folclórico do Centro Português.

2

Salão Teatro

Com início das aulas de arte dramática, acentuou-se a paixão pelo teatro, o que levou o Real Centro Português a fundar, a 2 de maio de 1899, a Corporação Cênica que perdurou por mais meio século. Os amadores da Corporação Cênica, os maiores e mais dedicados colaboradores desta cruzada monumental, proporcionaram aos associados e suas famílias verdadeiros espetáculos de arte e cultura.

O movimento teatral no Real Centro Português era de tal relevância que já contava do projeto da sede social, uma sala de espetáculos. O "Salão-Teatro", do Real Centro Português foi solenemente inaugurado a 12 de abril de 1908 com um sarau-dramático-dançante, que contou com a presença do que mais representativo havia na Colônia Portuguesa da época.

A trajetória do Corpo Cênico foi marcada principalmente pelo empenho de amadores na luta permanente de manter, no Real Centro Português, a cultura de alto nível que a comunidade merece. É praticando o teatro, principalmente o amador, que se desempenha a mais pura arte teatral, pois nele não há interesses materiais a defender.

Sendo uma das mais antigas do Estado de São Paulo, a Corporação Cênica do Real Centro Português evoluiu ao



Salão Teatro completamente lotado, com a visão ao fundo do balcão.

longo das décadas com a participação de abnegados atores, revelando grandes talentos para a vida artística. Figuras de grande destaque dedicaram quase toda a sua vida, sobressaindo-se os diretores e ensaiadores: Alberto Vieira, Angelo Diléo, Antonio Faraco; os contra-regras: Secundino Gomes e Joaquim Antonio da Fonseca. Deram também sua contribuição ao Corpo Cênico: o tenor Horácio Campos (diretor do teatro infantil), Machado Reis, Antonio Neves (2º ensaiador do Corpo Cênico), Marcio Pinheiro, professora Dra. Clotilde Paul (Dra. em História), entre outros.

Todo o sucesso alcançado teve como meta a expressão da cultura luso-brasileira. Para tanto, foram encomendadas peças teatrais de Portugal e de seus mais renomados autores, que se conjugavam com os prestigiados autores brasileiros.

Tamanho deslumbramento e enlevo vivia a platéia, quando das apresentações de peças, com encenações magistrais, transpor-

Jornal "A Tribuna", quarta-feira, 18/10/1960 - pag. 03.

Departamento Cultural de A TRIBUNA

III FESTIVAL REGIONAL DE TEATRO AMADOR

Abertura no próximo dia 23 — Recorde de grupos inscritos — Presença de autores santistas

Como se poderia esperar de facto o III Festival Regional de Teatro Amador de Santos e Santos, organizado pelo Departamento Cultural de A TRIBUNA sob o patronato do Conselho Municipal de Cultura e Conselho Municipal de Turismo, realizou-se com êxito, envolvendo em Portugal e no Brasil milhares de pessoas.

De acordo com o relatório do Diretor do Festival, o sucesso alcançado deve-se ao empenho de todos os grupos participantes, à assistência dos seus respectivos dirigentes e ao apoio prestado pelo Conselho Municipal de Cultura e Conselho Municipal de Turismo, bem como ao trabalho desenvolvido pelo Departamento Cultural de A TRIBUNA.

O sucesso do Festival foi o resultado de um trabalho desenvolvido ao longo de vários meses, desde a abertura do concurso até ao momento da realização do Festival.

O sucesso do Festival foi o resultado de um trabalho desenvolvido ao longo de vários meses, desde a abertura do concurso até ao momento da realização do Festival.

CALENDÁRIO DO III FESTIVAL REGIONAL DE TEATRO AMADOR (SANTOS E LITORAL)

08 de Maio

- 10 - Teatro Independência, 23 Santos, Grupo "Os Amadores", peça "A Pátria e o Sagaz" Autor: Ruy de Souza Costa.
- Teatro do Centro Português, 23 Santos, Grupo Cênico do Centro Português, peça "A Bateria dos Portugueses" Autor: Antenor Costa.
- Teatro do Centro Português, 23 Santos, Grupo "Os Amadores", peça "O Espetáculo d'Além" Autor: Antenor Costa.

17 de Maio

- Teatro do Centro Português, 23 Santos, Grupo Teatro "Amador", peça "Quando a Luz se Apaga" Autor: Curt Gier.

26 de Maio

- Teatro do Centro Português, 23 Santos, Grupo "Os Amadores", peça "O Amor e a Glorificação do Homem" Autor: Antenor Costa.
- Teatro do Centro Português, 23 Santos, Grupo "Os Amadores", peça "O Amor e a Glorificação do Homem" Autor: Antenor Costa.

30 de Maio

- Teatro do Centro Português, 23 Santos, Grupo "Os Amadores", peça "O Amor e a Glorificação do Homem" Autor: Antenor Costa.

06 de Junho

- Teatro do Centro Português, 23 Santos, Grupo "Os Amadores", peça "O Amor e a Glorificação do Homem" Autor: Antenor Costa.

13 de Junho

- Teatro do Centro Português, 23 Santos, Grupo "Os Amadores", peça "O Amor e a Glorificação do Homem" Autor: Antenor Costa.

20 de Junho

- Teatro do Centro Português, 23 Santos, Grupo "Os Amadores", peça "O Amor e a Glorificação do Homem" Autor: Antenor Costa.

27 de Junho

- Teatro do Centro Português, 23 Santos, Grupo "Os Amadores", peça "O Amor e a Glorificação do Homem" Autor: Antenor Costa.



Peça teatral encenada no palco do Teatro do Centro Português.

tando o público para a época representada, num clima envolvente de arte e cultura, identificando-se com as suas raízes lusitanas. Sentia-se a platéia recompensada ao testemunhar o impecável trabalho da Corporação Cênica.

O Real Centro Português teve o privilégio de encenar a peça "Com amor não se brinca" de autoria do estimado e ilustre santista Dr. Eptácio Pessoa, o qual compa-

receu à estreia da peça, em 12 de março de 1922. Ao terminar o espetáculo, a colossal assistência irrompeu numa estrondosa salva de palmas, sendo neste momento o autor, Dr. Eptácio Pessoa, convidado a adentrar em cena, para ser homenageado pelo amador Lascala, em nome da Corporação Cênica, fazendo-lhe a entrega de uma grande "corbeille" de flores, com artístico cartão de prata e uma caneta de ouro. Agradecendo, o Dr. Eptácio Pessoa aproveitou o moti-



Cena de uma peça teatral apresentada no Teatro.



Corpo Cênico do Centro Português

vo para fazer a entrega das medalhas "Ao Mérito" (as quais estiveram expostas na ourivesaria Portuguesa) aos amadores: Hermentina Tavares, Domingos Silveira e Alexandre Lascala, que tanto se destacaram na cultura teatral em Santos, e ao esforçado ensaiador Sr. Alberto Vieira, pelos seus brilhantes sucessos. Após as homenagens, a diretoria do Real Centro Português, associando-se à alegria que em todos reinava, ofereceu ao Dr. Epiácio Pessoa e a todos os amadores um coquetel, sendo trocados, nesse momento, vários brindes. Esta solenidade marcou mais um padrão de glória ao conjunto artístico do Real Centro Português.

Não menos marcante foi o sucesso das peças do teatrólogo português, reconhecido mundialmente, o grande Júlio Dantas, que teve suas obras encenadas no palco do Real Centro Português, destacando-se entre elas: "Passos de Vieira", "A Severa", "A Ceia dos Cardeais", "Outono em Flor" e "Rosas de Todo Ano".

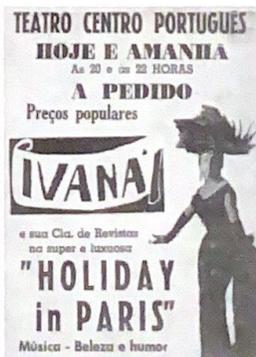
A última produção do ilustre Dr. Júlio Dantas para o teatro, "Outono em Flor", foi levada à cena pela primeira vez no Brasil, em junho de 1949, pela Corporação Cênica do Real Centro Português. Levando a platéia ao delírio, a peça foi representada três vezes em menos de 15 dias, obtendo extraordinário sucesso.

Inúmeros foram os espetáculos da cena teatral vividos no Real Centro Português no decorrer dos anos, sempre com grande euforia e entusiasmo. Os espectadores assíduos lotavam a casa, vivendo momentos de forte emoção. As apresentações eram semanais e sempre aos domingos, as famosas "Domingueiras", quando foram encenadas inúmeras peças teatrais dos autores de renome como: o escritor santista Benedito Merlim, Salvador Marques, José Vanderlei, Gastão Fogueiro, Gervásio Lobato, Cláudio

de Sousa, Armando Corvelo, Mario Lago, Pedro Block, Máximo Gorki, os portugueses: Arnaldo Leite, Campos Monteiro, Bernardo Santareno, etc. Após os espetáculos, realizavam-se bailes em que os associados viviam momentos de alegria e descontração.

A trajetória do Real Centro Português mostra-nos momentos de verdadeiro enlevo artístico, pelos quais têm passado as figuras mais representativas das culturas de Portugal e do Brasil, em célebres recitais e "Noites de Arte" sempre com a presença das mais altas autoridades da cidade e de figuras mais representativas dos seus diversos setores de atividade. Nessas "Noites de Arte" pode-se destacar a presença de orquestras: "Orquestra Sinfônica de Santos", "Orquestra de Cordas Filarmônica Santista", "Quarteto Romântico de Cordas de São Paulo", sessões litero-musicais; recitais; concertos ao piano; apresentações de operetas, fados e do saudoso "Orfeão Social do Centro Português".

O Salão Teatro, já consagrado pelo público, passou por uma grande reforma que



Journal "A Tribuna", ano de 1960.

começou em 1951), na gestão do Sr. Amaro Lopes Martins, sendo eleita uma comissão de obras composta por: Amaro Lopes Martins, Dr. Narciso Esteves da Cunha, José Dias de Carvalho, Alberto Loureiro Valente, Cesalino Antunes de Carvalho, João Dias e José Carlos da Silva. A diretoria da época lançou-se numa verdadeira cruzada para angariar fundos. Com isso, contou com a velha estirpe portuguesa que soube responder às expectativas do corpo associativo que tanto apoiou esta obra.

Desta reforma constava a substituição de todo o vigamento por uma laje de concreto, eliminando-se as colunas que impediam uma perfeita visão, ampliando-se o Salão-Teatro. Foi construído um moderno palco com todos os requisitos necessários para apresentação de peças teatrais, shows e exibições cinematográficas. Ao fundo do teatro, um balcão com capacidade para 200 pessoas, permitiu aos espectadores uma visão completa, dominando todos os seus ângulos com visibilidade total. Também foram construídos camarins modernos e um piso com ligeiro declive para melhor visão dos espetáculos.

Não só o Salão Teatro se beneficiou

com as obras, como também o Salão Camoniano, que recebeu novo soalho e modernos gabinetes sanitários, e o Hall de entrada onde foi construída uma escada bifurcada que além de permitir fácil acesso ao Teatro, compôs harmoniosamente a arquitetura interna do belo edifício neomanuelino.

Em 13 de outubro de 1956, já com as modernas poltronas e uma decoração condigna da sua tradição, o moderno Teatro do Centro Português (uma das mais confortáveis casas teatrais de Santos na época) completamente lotado, recebeu para um ato inaugural, a Orquestra Sinfônica de Santos, que realizou um concerto sob a regência do maestro Moacyr M. Serra.

Júlio Dantas foi o nome escolhido para a nossa excelente sala de espetáculos, no ano de 1966. Homenageou-se assim, o ilustre teatrólogo português.

Fazem parte da história do Teatro Júlio Dantas os grandes festivais de teatro amador realizados em Santos.

Ao se falar da história do teatro do Centro Português, devem ser registradas as



Uma apresentação de Manuel Marques no Teatro Júlio Dantas.

homenagens a todos que, com paixão, contribuíram para consolidar e elevar o nome do Centro Português dentre as mais destacadas sociedades culturais e recreativas, sem citar nomes de artistas, pois todos merecem a estima e os aplausos pelo seu magnífico trabalho.

O talento desses abnegados artistas contribuiu para o movimento artístico gerado pelos festivais feitos no Centro Português, em conjunto com a Secretaria Municipal de Cultura e outros órgãos de Teatro Amador, em que a Corporação Cênica alcançou a projeção merecida.

O Teatro do Centro Português foi testemunha do crescimento da arte que se tornou a mais popular do século: o cinema, que juntamente com esta entidade comemora neste ano o seu centenário. Desde os primórdios, no início do cinema mudo, o Salão Teatro contribuiu para a sua divulgação, realizando em suas dependências festivais de cinema, que marcaram a vida associativa desta casa.

Neste ano do centenário, reouvemos o nosso Teatro que esteve alugado desde 04 de dezembro de 1979 à Empresa Cinematográfica Haway Ltda e Empresa Cinema de Santos, por mais de 15 anos, dando fim a uma ação judicial iniciada em 1989. O aluguel do teatro que na época foi a solução encontrada para as dificuldades financeiras em que a instituição se encontrava, deu fim a uma era cultural intensa que predominou na vida do Centro Português por longas décadas. O fato gerou uma série de problemas, chegando a decadência quando tomou-se um espaço para exibição de filmes de baixa categoria.

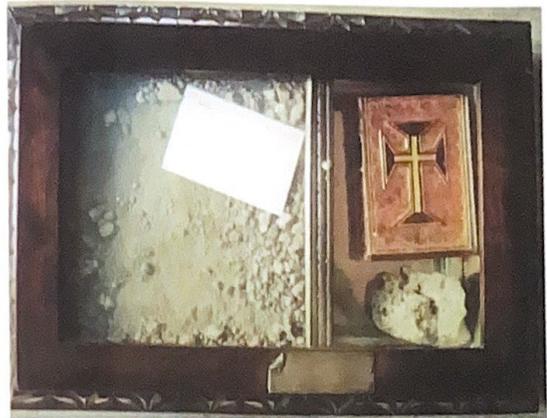
Portanto é motivo de júbilo para a família associada da nossa entidade a posse do Salão Teatro Júlio Dantas, ocorrida judicialmente em 11 de abril de 1994, mas com a entrega das chaves somente em 27 de janeiro de 1995 na presença do então presidente José Duarte de Almeida Alves e do diretor jurídico Dr. José Carlos Otero Quaresma.

Infante D. Henrique vislumbrou com o auxílio da ciência da época as terras ainda ignoradas e donde partiram as primeiras naves, rumo aos descobrimentos. Junto estão "Os Lusíadas", bíblia dos argonautas

portugueses onde se cantam os feitos do povo predestinado a dar o nome à História da Humanidade, gravando-lhe página soberba de amor e heroísmo.



Piano de cauda - relíquia da casa, Steinmay & Sans de 1876. Em tempos áureos ao iniciar uma festa havia sempre um prelúdio musical ao piano, que tanto agradava os convidados.



O Escrínio - pequeno cofre onde se encontram relíquias lusófilas.



Vista interna do Salão Cerejeira

4

Salão Camoniano

O sonho fazia-se realidade. Com grande júbilo inaugurou-se o Salão Nobre, à 1º de dezembro de 1913, com a conclusão do edifício. Obra tão esperada que coroou para sempre a trajetória e a saga de coragem e persistência de todos aqueles que se irmanaram em torno do mesmo ideal.

Para este emocionante evento, o Real Centro Português vestiu-se de luzes e beleza. Pintado de azul e branco, ostentava na fachada principal a corôa real sobre a esfera armilar, adornado de pequenas palmeiras. Demonstrava assim, orgulho de todos na participação desta festividade.

O Salão Nobre foi concluído graças ao grande benemérito Antonio Pereira de Carvalho que custeou toda a decoração artística, iniciada em 1909 pelos artistas espanhóis Antonio Fernandez e João Bernils, reconhecidos internacionalmente.

Este esplêndido Salão possui várias obras de arte e mereceu caprichosa e característica decoração, em combinação com estilo neomanuelino do prédio. O pintor João Bernils executou nas paredes pinturas de imitação a damasco, adornando-as com ricos medalhões de nobreza e com as armas das cidades e vilas mais notáveis de Portugal. Já o pintor Antonio Fernandez pintou os quadros que embelezam o Salão Nobre, assim como as pinturas do teto, com painéis



a óleo, que representam episódios de "Os Lusíadas", extraídos de estâncias de diferentes cantos do poema. Daí a origem ao título atual: Salão Camoniano.

As janelas eram realçadas pelas cortinas em azul forte, tendo em suas sanefas o símbolo social bordado em branco, e sob as mesmas, filô branco bordado.

Convidados e associados presentes se deslumbravam ao depararem com tanta arte e beleza, diante do privilégio de usufruir de uma obra tão representativa da alma portuguesa.

Antonio Fernandez - Nasceu em 16 de fevereiro de 1882. Desembarcou em Santos em 1894. Estudou com um professor santista e mais tarde estudou por dois anos na Itália. No Brasil além de pintar o Centro Português e o Centro Espanhol tem obras no Instituto Histórico e Geográfico de Santos, Museu do Ipiranga e coleções particulares em Santos, São Paulo e Rio de Janeiro. No exterior tem suas obras no Museu da Galícia, Pinacoteca da Real Academia Gallega e da Associação da Imprensa de Vigo, no Museu Provincial de Lugo, onde tem uma sala dedicada ao pintor "Sala Antonio Fernandez". Faleceu em 20 de novembro de 1979 em Goyán, Espanha.

Antonio Pereira de Carvalho - Comerciante e importante capitalista nesta praça. Estimado na sociedade santista e paulista, onde viveu seus últimos dias. Casado com Sra. Constança Barreiros de Carvalho com quem teve 8 filhos. Grande benfeitor do Real Centro Português, que além de outros donativos pagou em 1909 a pintura e decoração do Salão Camoniano. Faleceu em São Paulo a 11 de fevereiro de 1916. (Tela de Antonio Fernandez, medindo 1,20 x 1,00, de 1909).

Para esta noite festiva o salão foi adornado com festões e flores, pratarias e cristais, de muito bom gosto e elegância, a cargo das senhoras e senhoritas pertencentes ao "Grêmio das Camélias".

Fizeram parte da mesa nesta solenidade o Sr. Thomaz Souto Corrêa, presidente; os Srs. Teixeira de Abreu e José Thomaz da Fonseca Junior secretários. Aberta a sessão, foi dada a palavra ao Sr. Fonseca Junior, que discursou sobre a Restauração de Portugal e a fundação do Real Centro Português. Em seguida, o Sr. conselheiro Teixeira de Abreu, ex-ministro do gabinete de João Franco, proferiu conferência sobre os feitos pátrios. Logo após o Sr. Manuel Homem de Bittencourt Filho leu uma saudação ao Real



importante nos seus mínimos detalhes, na parte interior, a porta que dá acesso ao Salão Camoniano.

Centro feita em nome de seu pai, Dr. Manuel Homem de Bittencourt, presidente de honra e sócio fundador, ausente na festa por motivos de saúde.

Os Hinos Nacionais de Portugal e Brasil foram cantados por um grupo de senhoras e senhoritas, acompanhadas pela Tuna do Centro. O festival recebeu ainda a Sociedade Musical Colonial Portuguesa, que, nos intervalos do programa, executava lindas melodias. A festa culminou com elegante baile de gala que para tão grande pompa a diretoria adotou o traje "sobrecasaca" ou "rigorosamente preto".

Este acontecimento foi um registro bem marcante que serviu de estímulo às gerações vindouras, pois a magnitude e o

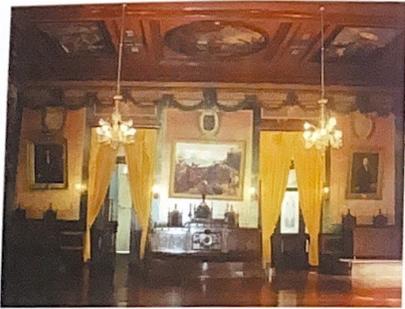


altruísmo desta obra tem a memória devida à sua grandeza.

O magnífico Salão Camoniano sempre foi e será o cenário da glória do Real Centro Português, sem dúvida uma das poucas obras de arte que sobrevivem na nossa cidade representando o símbolo do trabalho permanente e da memória da nacionalidade lusitana.

Todo esse ambiente camoniano, cultural, histórico e poético é propício às comemorações de datas cívicas, tão significativas à colônia portuguesa. Justifica-se portanto o fato de ser tradição do corpo consular realizar neste salão as solenidades comemorativas ao "Dia de Camões", "Dia da Raça", com seu consagrado "Porto de Honra".

Detalhe de uma das portas que dão acesso ao Salão Camoniano. Vidros importados de Lisboa.



Salão Camoniano
Visto de frente, onde são celebradas as sessões solenes, tendo ao fundo a mesa presidencial.

ra", em 10 de junho, sempre com uma palestra alusiva à data.

Outra insigne data lusa comemorada é o 1º de dezembro, Dia da Restauração de Portugal e fundação do Centro Português de Santos, datas que se fundem no orgulho do associado em ser luso-brasileiro e se sentir parte integrante da história. Grandes orado-

res deram prestígio a esta sessão solene desde os primórdios do Real Centro Português, destacando-se entre eles: Alberto Veiga, Jaime Franco, Dr. Raul Ribeiro Flórido, assim como outros ilustres conferencistas do nosso meio cultural e social, que abrihantaram com suas eloquentes palavras, o ato heróico da pátria mãe imbuídos no seu mais puro sentimento lusitano.

Palestra realizada a 1º de dezembro de 1994 pelo Dr. Milton Teixeira, reitor da Universidade Santa Cecília dos Bandeirantes. Na foto também seu filho, Marcelo Teixeira.



Cena de um dos tradicionais bailes de gala realizado no Salão Camoniano.

Um grande movimento literário e artístico se desenvolvia em Santos com a realização de grandes festivais e recitais, que movimentavam toda a mocidade intelectual. Dentro deste clima de efervecência literária, acontecia no Salão Camoniano, a Hora Literária e os inesquecíveis saraus, que contavam com a presença de imortais poetas como: Rui Barbosa, Martins Fontes, Olavo

Bilac, Vicente de Carvalho e ilustres intelectuais santistas.

O Real Centro Português, sob intensa atividade social, em que os associados desfrutavam do privilégio de participarem de encontros de elegância, fidalguia e amizade, promovia os grandiosos bailes do Salão Camoniano, que tão bem traduziam o espírito de fraternidade da família portuguesa.



Atuação da "Orquestra Jazz Band".



A Rainha com as princesas do Centro Português de Santos.

A euforia e a ansiedade dominavam os jovens que aguardavam os famosos bailes de gala, quando era exigido o traje rigorosamente preto aos cavalheiros e a rigor, às senhoras, tomando o recinto cheio de luxo e requinte. Tanto interna como externamente, o Real Centro apresentava deslumbrante aspecto, principalmente o Salão Camoniano que oferecia artística e encantadora decoração. Primorosos concertos ao piano, organizados por senhoras e senhoritas do Grêmio das Camélias, antecediam os bailes de gala, incluindo os tradicionais da Passagem de Ano, com queima de fogos, e os de Aleluia com trajes específicos azul e branco ou branco. Para alcançar invulgar brilhantismo, eram contratadas esplêndidas orquestras (Orquestra do Centro, Orquestra Universal de Jundiá, Orquestra Brasília, etc) que animavam os bailes até o alvorecer. Por toda parte, viam-se cavalheiros, senhoras e senhoritas que emprestavam à encantadora festa inofuscável brilho.

Os saudosos bailes carnavalescos do Real Centro Português de Santos começaram em 1909, sendo o primeiro Clube Colo-

No auge dos anos 60, ficaram memoráveis os bailes de gala de coroação da "Rainha do Centro Português de Santos"

nia a realiza-los. Inicialmente, transcorriam no andar térreo e, após a inauguração do Salão Camoniano, atingiram o seu apogeu que perdurou por muitos anos.

A elegante sede do Real Centro Portu-



A presença constante do rei Momo no Carnaval do Centro Português de Santos.

guês recebia, nas primeiras décadas, o Rei Momo com toda a pompa que a fidalga sociedade pródiga em gentilezas, recepcionava a corte do Rei da Folia, tendo à frente a turma do Corpo Cênico que formava o "Bloco dos Convencidos", famoso na época, seguido pela orquestra do Centro, sob a batuta do maestro Luiz Gomes.

Eram três dias de folia que se prolongavam até alta madrugada, sempre com viva animação. Concorridos eram os seus concursos de fantasias e de maxixe, que disputavam uma medalha de ouro. Nos intervalos das danças, que eram ritmadas por um jazz-band, travavam-se renhidas batalhas de serpentina que davam ao ambiente um cunho de alegria própria destes dias.

Durante muitas décadas, os bailes Carnavalescos, realizados no Salão Camoniano, foram o ponto de referência do Carnaval Santista. Num ambiente de saudável convívio familiar, entre confetes, serpentinas, aroma de lança perfume e originais fantasias, os jovens superlotavam todas as dependências do Real Centro Português. A preocupação das várias diretorias com a contratação



de melhores orquestras, com a decoração do Salão, que ficava a cargo dos diretores artísticos do Corpo Cênico, tornava este ambiente uma explosão carnavalesca. Momo sem-



Baile de Carnaval



Tradicional jantares realizados no Salão Camoniano em homenagem a figuras ilustres da sociedade.

pre teve recepção condigna de saudosa lembrança!

Atualmente, o Salão Camoniano mantém as tradicionais cerimônias da sua fundação, com todo o devido prestígio. Também se revestem de grande brilho os famosos bailes, tendo como ponto alto os jantares-dançantes, quando continuam o

entrelaçamento das famílias luso-brasileiras.

As diretorias que por aqui passaram, compostas de homens dedicados, nunca desmereceram o respeito, o apreço e a amizade e vêm sendo reconhecidos pelo quadro social, pelo esforço de cada um, dedicado a esta Casa para que continuem a manter a lusitanidade.

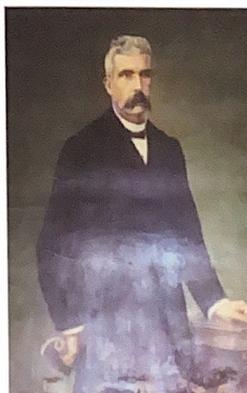
Destaque da cadeira que participou da exposição em Portugal (1994) sobre os quinhentos anos dos descobrimentos. A cadeira em estilo imperial é feita de madeira arabiá do norte, com acento e encosto em couro, onde está gravado em alto relevo, o escudo de Portugal. Entalhada com detalhes delicados a cadeira tem ainda no encosto a coroa portuguesa e a esfera armilar. Foi encomendada para servir de trono ao Rei D. Carlos I, em visita que fana ao Brasil.



Acervo



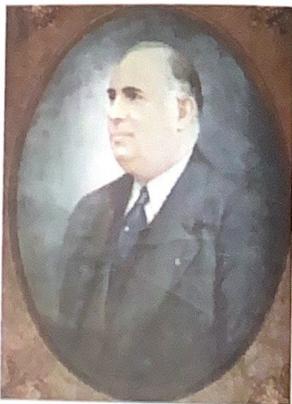
Dr. Manuel Homem de Bittencourt - sócio fundador e presidente perpétuo do Centro Português de Santos. Lutador incansável e dedicadíssimo às coisas portuguesas. (Tela medindo 1,20 x 1,00, de 1887).



Antonio dos Santos Coelho Germano - sócio benemérito, cujo quadro com o seu retrato teve a honra de após ser exposto na loja comercial "Casa Paulo Wilckens", na Rua XV de Novembro, percorrer as ruas do centro da cidade acompanhado pela Banda da Sociedade Colonial Portuguesa. Durante o percurso até a sua chegada ao Real Centro Português, houve queima de fogos e ao adentrar, foi recebido pelo presidente da casa ao som dos Hinos da Carta e Hino Brasileiro, com vivas a Portugal e Brasil. (Tela do pintor português Comendador Rodrigues Soares, medindo 1,20 x 1,00).



Antonio Domingues Pinto - casado com Sra. Maria Domingues Pinto e pai de 9 filhos. Conhecido construtor nesta praça, terminou as obras do edifício, de há muito paradas, fez donativos, serviu em diversas diretorias e resignadamente esperou pelo pagamento que só em pequenas quantias podia ser feito. Faleceu em Santos a 13 de janeiro de 1953. (Tela de Antonio Fernandez, medindo 1,20 x 1,00).



Aristides Cabrera da Cunha - (1890-1952). Natural de Braga, Portugal. Casado com Sra. Olga Murça Cabrera da Cunha. Comerciante em Santos, titular da firma Ao Preço Fixo, estabelecida na Rua General Câmara nº 7, uma das mais antigas da cidade. Grande benfeitor do Centro Português de Santos e de diversas entidades da colônia portuguesa de Santos. Recebeu do governo português a Comenda da Ordem do Cruzeiro do Sul. (Tela de Charleaux, medindo 1,20 x 1,00, de 1953).



Joaquim Moreira, casado com a Sra. Lulza Cândida de Jesus. Último presidente do Real Centro Português de Santos, onde exerceu o cargo por mais de 20 anos. Faleceu em 30 de junho de 1954. Durante a sessão solene comemorativa do 60º aniversário do Centro Português de Santos, teve seu retrato inaugurado no Salão Camoniano, quadro este que se encontrava envolto pela antiga bandeira do Real Centro Português de Santos.



Antonio Marques Bento de Sousa, nascido em 21 de setembro de 1868, natural de Fomelo, Vila do Conde. Comerciante cafeeiro. E sua esposa **Elisa Chambers Marques**. Sócios beneméritos, ambos fizeram importantes donativos. Ele foi tesoureiro por alguns anos e serviu em diversas diretorias. (Tela de Antonio Fernandes, medindo 1,00 x 0,80).



Tela de Antonio Fernandez que se encontra em frente ao centro do Salão, medindo 1,50 x 2,10, com o título: **"Pedro Álvares Cabral Descobre o Brasil em 3 de maio de 1500"**.



Ao lado esquerdo no centro do Salão, tela de Antonio Fernandez: **"Fundação de Portugal e Aclamação do rei Dom Afonso Henriques"** (medindo 1,70 x 1,30)



"Restauração de Portugal e Morte de Miguel Vasconcelos" - tela de Antonio Fernandez, que se encontra do lado direito ao centro do Salão (medindo 1,70 x 1,30)



"Barco do Porto de Santos", tela de Benedito Calixto representando a canhoeira "Pátria". (Tela medindo 1,05 x 0,70).

Painel de Teto



"Visita do Samorim à Nau Capitania"

Canto VII. Est. LXXV.

Pelo que Vê pergunta, mas o Gama
Lhe pedia primeiro que assente,
E que aquele deleite que tanto ama
A seita Epicureia, experimente.
Dos espumantes vasos se derrama
O licor que Noé mostrara à gente;
Mas comer o gentio não pretende,
Que a seita que lho defende.



"Visita do rei de Melinde ao Gama"

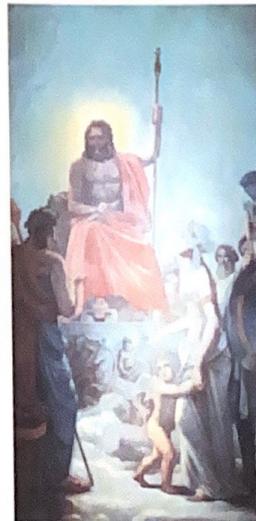
Canto II. Est. CI.

Já no batel entrou do Capitão
O Rei, que nos seus braços o levava;
Ele, co'a cortesia, que a razão
(Por ser Rei) requeria, lhe falava.
Cúias mostras de espanto e admiração,
O Mouro o gesto e o modo lhe notava.
Como quem em mui grande estima tinha
Gente que de tão longe à Índia vinha.

"Conselho dos Deuses"

Canto I. Est. XXXIII

Sustentava contra ele Vénus bela,
Afeiçoada à gente Lusitana,
Por quantas qualidades via nela;
Da antiga, tão amada sua, Romana;
Nos fortes corações, na grande estrela,
Que mostraram na terra Tingitana
E na língua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é a Latina.



"Ilha de Vénus"

Canto IX. Est. LXXXIV.

Destarte enfim, conformes já as ferosas
Ninfas c'os seus amados navegantes,
Os ornã de capelas deleitosas
De louro e de ouro e flores abundantes.
As mãos alvas lhe davam como esposas;
Com palavras formais e estupulantes
Se prometem eterna companhia,
Em vida e morta, de honra e alegria.



"Gruta de Camões em Macau"

Canto I. Est. X

Vereis amor da pátria, não movido
De prêmio vil, mas alto e quase eterno,
Que não é prêmio vil ser conhecido
Por um prego do ninho meu paterno.
Ouí, vereis o nome engrandecido
Daqueles do quem sois senhor superno,
E julgareis qual é mais excelente,
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.



"Venus aconselha as nereidas, a bem receberem os nautas"

Canto IX. Est. L.

Já todo o belo coro se aparelha
Das Nereidas, e junto caminhava
Em coreias gentis, usança velha,
Pera a ilha a que Vénus as guiava,
ali a fermosa Deusa lhe aconselha
O que ela fez mil vezes, quando amava.
Elas, que vão do doce anos vencidas,
Estão a seu conselho oferecidas.

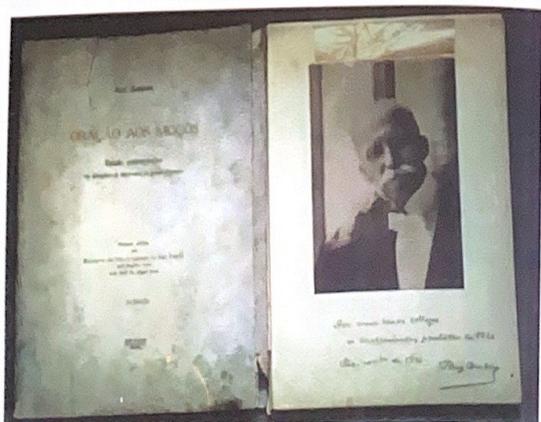


"A mandado de Vénus, a Fama vai apregar às ninfas, o nome português"

Canto IX. Est. XLV.

Vão-na buscar, e mandam-na diante,
Que celebrando vá, com tuba clara,
Os louvores da gente navegante,
Mais do que nunca as de outrem celebrava.
Já, murmurando, a Fama penetrante
Pelos fundas cavernas se espalhara;
Fala verdade, havida por verdade,
Que junto a deusa traz Credulidade.

A transcrição das estâncias está de acordo com a edição do poema: "Os Lusíadas", Camões - Porto - Porto Editora Ltda - 5ª edição.



"Oração aos Moccos" de Ruy Barbosa - Edição Fac-similada do original manuscrito e cartas e telegramas. Texto original e contendo emendas do próprio punho do autor e lido em seu nome por Sr. Reinaldo Porchat a 25 de março de 1921 por ocasião da sessão solene de formatura dos bacharelados de 1920 da Faculdade de Direito de São Paulo. Doado pelo próprio autor em visita ao Centro Português de Santos.

5

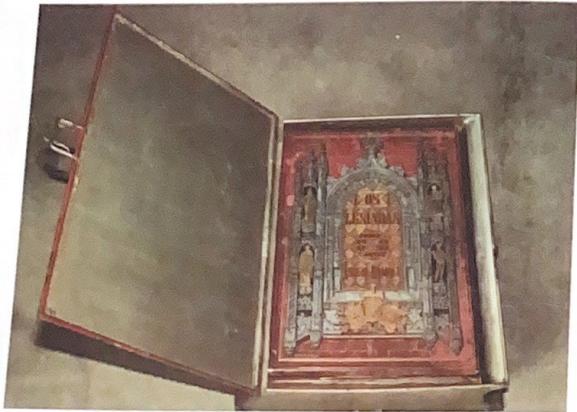
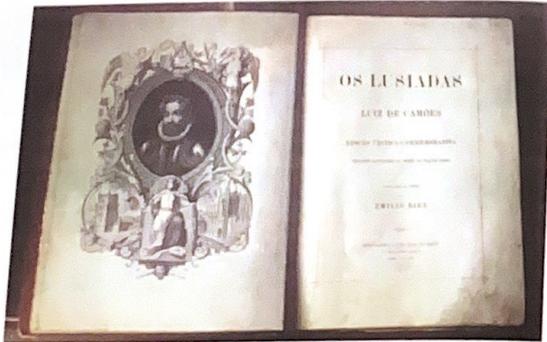
Biblioteca

A Biblioteca, cujas instalações se iniciaram com os ideais da fundação, que tinham como prioridade a cultura e educação, representa ainda hoje um patrimônio de grande valor para a sociedade santista.

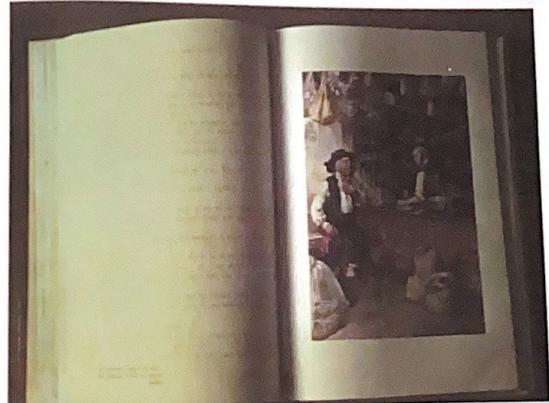
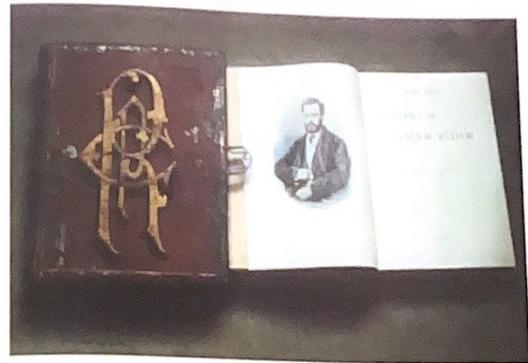
Esta biblioteca possui um acervo de 2500 volumes em condições de consulta, que são de muita valia para as pesquisas no campo da Literatura, da História, da Cultura, das Artes, da Educação, do Comércio, da Administração e da Jurisprudência.

Desativada durante um certo período, encontra-se hoje em fase de restauração e recadastramento para que possa ser novamente aberta ao público, como outrora.

Possui esta biblioteca algumas relíquias, verdadeiros tesouros da literatura luso-brasileira.



"Os Lusíadas" de Luis Vaz de Camões, com dedicatória a Dom Pedro II por Emilio Biel, editor. Tipografia Giesecke e Devrient, Leipzig - 1880, guardado em caixa de metal com as insígnias do Real Centro Português de Santos.



"As Pupilas do Senhor Reitor" de Júlio Diniz. Lisboa - A Editora. Edição de luxo com ilustrações de Roque Gameiro. Guardado em caixa de metal.



O novo prédio anexo, onde fica o Salão Alberto Ferreira dos Santos.

6

Salão Alberto Ferreira dos Santos

*A*o lado do belo edifício neomanuelino do Centro Português de Santos, no ano de 1926, foi feita a aquisição do terreno de nº 190 da rua Amador Bueno, pelo valor de 54 contos de réis, na gestão de Joaquim Moreira, para a ampliação da sede, fato que se tornaria de suma importância para o futuro do desenvolvimento social.

O terreno comprado era composto de uma casa sobrado com grande quintal ao fundo, que, por muito tempo, foi salão de jogos, com a realização de concorridos campeonatos. Nesse espaço foi criado um bar completo com mesas e cadeiras, cozinha funcional e ao ar livre um "Jardim Grill". Este recinto compunha o conjunto arquitetónico com um certo ar romântico. Espaço e canteiros circulares, tendo ao fundo um grande banco de pedra e sobre este na parede um painel de azulejos estilo colonial português, com a representação do Castelo de Guimarães, berço da nacionalidade portuguesa.

O "Jardim Grill" era um complemento das grandes festas e apresentações teatrais, pois lá as pessoas se reuniam para alegres momentos de descontração. Também o carnaval ganhou muito com o Grill, já que os foliões se espalhavam entre os salões e o jardim, numa contínua euforia momística.



Aspecto do velho prédio, ao lado da sede do Centro Português, onde foi levantado imponente edifício.

sublimaram este lugar. Foi um dos sítios mais evocativos do passado que teve que ser sacrificado em favor de novas instalações para receber maior número de público, pois se constatou que com a consagração do Rancho Folclórico as festas populares cresceram vertiginosamente.

Desta maneira inicia-se na gestão do Comendador Alberto Ferreira dos Santos a realização de um esforço conjunto para se conseguir no local um Salão de Festas com todo o conforto e modernidade.

O recinto se notabilizou com as famosas festas populares com a participação do Rancho Folclórico Verde Gato e os tradicionais almoços aos domingos, promovidos entusiasticamente pelo Sr. Fernando Martins Leite da Fonseca, diretor por muitos anos e presidente da casa. Também se caracterizou como o local poético favorito dos jovens enamorados, onde focantes romances de amor

Em 1984, tendo na presidência o empresário Ernesto Vieira da Silva e uma comissão de obras composta por Arménio Mendes e Alfredo Piedade Martins, grandes empresários da construção civil em Santos, dirigem pessoalmente as obras, que são custeadas por um grupo de diretores. As obras em execução incluem um amplo salão com cerca de 800 m², com palco para apresentação de folclore, ampla cozinha, instalações de copa, bar, sanitários feminino e



Uma das tradicionais Festas das Vindimas realizadas no antigo Jardim Grill.



"Jardim Grill"

masculino e dependências para residência do zelador.

Este salão foi inaugurado em 19 de janeiro de 1985, com grande pompa, durante a festa denominada "Festa da Amizade", que teve início às 19 horas com um coquetel no Salão Camoniano e a inauguração da fotografia do Com. Alberto Ferreira dos Santos, na galeria de ex-presidentes. Logo após, foi servido um jantar pelo Buffet Bienamour

com grande show que contou com a presença da cantora Adélia Pedrosa, do conjunto Terceira Dimensão e do Rancho Folclórico Verde Gato. O novo Salão recebeu o nome de "Alberto Ferreira dos Santos", pelos relevantes serviços prestados não só à entidade, à colônia luso-brasileira, como também a toda coletividade santista.

A partir de então, são o ponto alto deste salão as festas tradicionais portuguesas, onde



Demolição do prédio nº 190



Inauguração do Salão Alberto Ferreira dos Santos.



Vista interna do Salão Alberto Ferreira dos Santos em uma das apresentações do Rancho Folclórico Verde Gaio.



Tuna Acadêmica da Universidade Lusitana do Porto em Visita ao Centro Português de Santos em novembro de 1994.

Com. Alberto Ferreira dos Santos nasceu em 1914, natural de Arouca, Portugal. Veio para o Brasil em 1925 com seu pai, casou-se aos 16 anos e teve 2 filhos. Figura de alta projeção no comércio cafeeiro desta praça e da de Paranaguá. Recebeu a comenda da ordem do infante D. Henrique pelo governo português, em Paranaguá e o título de "Cidadão Santista".



são servidas comidas típicas (sardinha assada, chouriço, alheiras, salpicão, caldo verde, pastéis de nata, etc.) e apresentação de vários Ranchos Folclóricos.

Dentre essas festas destaca-se a "Festa da Cereja", realizada em junho com cerejas importadas de Portugal, e orgulho de ter sido o Centro Português de Santos a primeira entidade da Baixada Santista a realizá-la.

Outras festas típicas relembram as tradições de Portugal e entre elas temos: "Festa das Vindimas", com ornamentação de parreiras e representação da colheita da uva; "Magusto", com suas tradicionais castanhas e vinho português; "São Martinho", a prova do vinho, quando são colocados barris e os convidados se servem nas tradicionais canecas da casa; "Pousada da Saudade", realizada mensalmente quando são convidados outros ranchos quer brasileiros, quer portugueses, para um maior entrelaçamento da cultura

ra e da arte popular portuguesa.

O Salão Alberto Ferreira dos Santos veio acrescentar mais um espaço para acolher no seu seio maior número de público para prestigiar e assistir as inesquecíveis apresentações de grandes nomes do cenário artístico luso-brasileiro: Carlos do Carmo, Roberto Leal, Adélia Pedrosa, Tuna Acadêmica da Universidade Lusitana do Porto, entre muitos outros.



Para as festas 'Vindimas' e da 'Cereja', são confeccionadas cestas com as frutas, que são entregues aos convidados.



Rancho Folclórico do Centro Português de Santos, fundado em 01/12/1961

7

Rancho Folclórico Verde Gaio

O Rancho Folclórico Verde Gaio tem sido desde a sua criação o coração do Centro Português de Santos, arregimentando para o seu seio, o maior número de jovens que contribuíram para a história do folclore português no Brasil.

Em Portugal o primeiro Rancho surgiu em meados de 1925 por Abel Viana, em Carreço, Viana do Castelo, na região do Minho, seguindo-se o de Barqueiros do Douro pela escritora Marisilva, e o das Lavadeiras de Santa Marta de Portuzelo. Inicia-se um grande movimento para resgate do folclore português, culminando anos mais tarde com o advento de grandes festivais em diversas regiões de Portugal. Nesta mesma época tal movimento se reflete também no Brasil, onde o emigrante português encontra na música folclórica a expressão favorita da cultura popular de sua pátria.

Em 1961, era presidente do Centro Português de Santos o Com. Manuel Tavares da Silva, que, sensível a esta realidade, teve a feliz idéia de formar o primeiro rancho folclórico do estado de São Paulo.

Em junho de 1961 criou-se o Rancho Folclórico do Centro Português, gerando grande movimentação na comunidade portuguesa, que com entusiasmo, muito trabalhou para a sua formação.



Apresentação
no Itaquera
em 09/06/1963.

Foi convidado para seu ensaiador o Sr. Antonio Henriques Marques (ex-ensaiador do Rancho de Águeda-Portugal), tendo a colaboração da Sra. Cleide de Abreu (professora de música) e do Sr. Manuel Alexandre Gonçalves, o Neco, na seleção das músicas mais tradicionais do folclore português. Os ensaios eram realizados à noite, três vezes por semana, nas dependências do Centro Português. Para as apresentações tornou-se in-

dispensável a confecção de trajes típicos de Portugal. O Rancho era constituído inicialmente por 8 pares de dançadores, um cantor, uma cantadeira e uma "tocata" composta por cinco músicos.

No dia 2 de dezembro de 1961, deu-se a primeira apresentação exclusivamente para os associados do Centro Português. A emoção de reviver uma festa popular portuguesa



Rancho Minim do
Centro Português
de Santos.

Luis de Figueiredo - nasceu em 6 de maio de 1921, em Vila Meã, Carregal do Sal, Portugal. Casado com Sra. Olímpia da Conceição Fernandes, com quem teve 3 filhas. Chegou ao Brasil em junho de 1950. Trabalhou no setor da construção civil. Em 1962 veio para o Centro Português de Santos, onde alcançou prestígio ensaiando o Rancho Folclórico. A partir de então ensaiou os ranchos: Carvalho Araújo, do Centro Transmontano de São Paulo, Casa de Portugal, da Casa de Portugal de São Paulo e Grupo Folclórico Lusitano. Fundou o Rancho Folclórico da Casa de Arouca de São Paulo e o Grupo Folclórico Lusitano Brasileiro do Elos Clube de Praia Grande. O mais famoso folclorista do Brasil, conta com o apoio e incentivo de sua digníssima esposa. Em 1993 recebeu o título de Cidadão Santista, por elevar o nome de Santos em todo o Brasil e exterior através do seu trabalho.

levou os presentes a uma viagem a sua terra natal, fato demonstrado através de lágrimas no rosto de alguns mais saudosistas.

Em 31 de março de 1962, houve a primeira apresentação pública, no Clube Atlético Santista, que ficou totalmente lotado, repercutindo num enorme sucesso.

Neste mesmo ano, em virtude de desentendimentos entre membros da diretoria



e responsáveis pelo Rancho, houve o afastamento da maioria dos componentes do Rancho que se desvincularam do Centro Português. A seguir, o Sr. Antonio Henriques Marques e José Francisco de Oliveira, lideraram um movimento para formar um novo rancho: "Tricenas de Coimbra".

A diretoria em respeito ao seu quadro



Com. Armênio Mendes - nasceu a 2 de agosto de 1944, em Vila Chão de Couce, Anápolis, Portugal. Imigrou para o Brasil em abril de 1963. Casou-se com Sra. Maria Celeste de Jesus Veríssimo Mendes, com quem teve 3 filhos. Maior empresário da Baixada Santista. Ex-presidente do Centro Português. Dentre os títulos conquistados destacam-se: Troféu Gonzaga 1984 (Empresário do Ano), Troféu Braz Cubas 1985, Robalo de Ouro 1986, Bombeiro Honorário 1987, Troféu Centenário do Gonzaga, Troféu "O Mascate" 1987 (Empresário do Ano), Troféu Empresário do Ano - Revista Litoral, Diploma Amigo de Portugal - Programa "Portugal e sua gente", Medalha Anchieta - Câmara Municipal de São Paulo, Empresário do Ano - Prêmio Fiemp - Federação da Indústria do Estado de São Paulo 1994, Comandador da Ordem Fraterna do Cristo 1987, Comendador da Ordem do Mérito do governo Português 1995.



Trajes de luxo originais de Viana do Castelo, região do Minho, todos vermelhos e ricamente bordados. Fazem parte do conjunto a noiva, o noivo, a mordoma, as porta bandeiras, e a tocaia composta atualmente por 8 músicos e 1 cantadeira.

associativo não teve dúvidas em reorganizar outro rancho. Decididos e firmes neste propósito, tiveram suas forças renovadas, quando o Sr. Luís de Figueredo, residente em Santos, profundo conhecedor do folclore português, aceitou o convite para ensaiador do rancho, motivado por grande paixão ao folclore.

Este grande desafio de reorganizar outro Rancho só foi possível graças ao trabalho e abnegação da diretoria, do Sr. Luís de Figueredo, que, unidos em torno deste mes-

mo ideal, reestruturaram o novo grupo com novos componentes, dançadores, músicos e cantadores. Com árduos ensaios, muito dinamismo venceram inúmeras dificuldades, o que motivou a reestréia, num curto espaço de tempo, apenas 4 meses, o Rancho Folclórico do Centro Português de Santos.

A reestréia do Rancho se deu nos festejos comemorativos do aniversário do Centro Português, em dezembro de 1962, superando as expectativas gerais, com uma apresentação digna dos maiores elogios. Todos



Autênticos trajes característicos de Viana do Castelo.



Trajes vianenses com a mordoma, noiva, noivo e meia senhora.

participaram do grande júbilo deste sucesso, sentindo-se gratificados depois de tanta dedicação e trabalho.

Em seguida, houve a primeira apresentação aberta ao público, no ginásio do Clube Atlético Santista, que repercutiu em verdadeira consagração, ultrapassando fronteiras, consolidando-se definitivamente como sím-

bolo criativo da índole e do coração do emigrante português do Brasil.

Foi nesse período da história do Centro Português que se firmou uma nova e ativa geração que criou um novo capítulo na vida social desta velha casa, abrindo aos seus associados e simpatizantes outros horizontes. Notáveis méritos tiveram os que, apai-



Trajes de Viana do Castelo a "ceifeira", "camponesa" e a "de ir a arra".



Camponesas do Ribatejo, traje típico da Região do Ribatejo.

xonadamente, lutaram, para que os ideais do folclore florescessem para sempre.

As festas populares, representando os costumes do povo luso, caíram no gosto não só dos portugueses mas também dos brasileiros que se sentiram integrados, através do rancho, com seus cantares, danças e em sua alegria.

Com fidelidade ao mais autêntico folclore, elaboração e composição de suas coreografias o Sr. Luís de Figueredo, ensaiador do Rancho do Centro Português, alcançou grande prestígio, sendo solicitado a colaborar com grupos folclóricos de entidades por-

tuguesas de São Paulo, que agora despertavam para o culto das tradições populares portuguesas.

A consolidação do sucesso do Rancho muito se deve aos familiares e simpatizantes, que sempre acompanharam suas inúmeras apresentações e prestigiaram todos os ensaios. Com a grande participação de crianças entusiasmadas com o rodopiar das danças e com a alegria das canções, a diretoria sensibilizou-se e decidiu formar um Rancho Mirim, que foi criado em 1963, sob a responsabilidade de Cleide de Abreu, sendo este um celeiro de novos talentos.



Trajes de Varinas, típico da Região Beira Litoral.

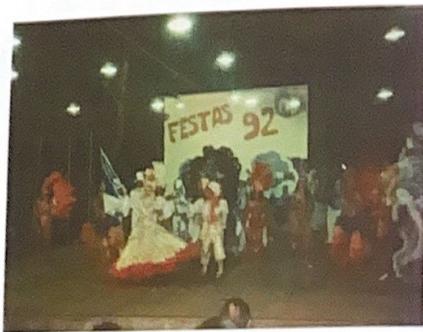
Em 1966, em pleno apogeu, a exemplo de seus co-irmãos, decidiram dar um nome ao Rancho, sendo escolhido "Verde Gaio", nome originário de um pássaro muito popular em terras portuguesas. Foram convidados para padrinhos o Sr. Alípio Marques Tourigo (que era na época apresentador do Rancho, sendo mais tarde presidente da casa) e sua esposa, Sra. Irina Tourigo. O batismo do Rancho Folclórico Verde Gaio deu-se a 16 de abril de 1966, sendo organizada uma grande festa, quando foram estreados os novos trajes de "Catarmas de Buarcos", confeccionados em Portugal e aqui chegaram por intermédio do Consulado de Portugal e do Sr. Américo Ribeiro. Para esse evento tão significativo, foi convidado o Grupo Folclórico Carvalho Araújo, do Centro Transmontano de São Paulo.

Com tão grande sucesso, o folclore português achou lugar no coração dos brasileiros, essa revelação inspirou a televisão a realizar programas para apresentar o que já era do gosto popular luso-brasileiro. O nosso rancho foi o pioneiro a se apresentar na TV Tupi, TV Excelsior, TV Cultura. Também fez história em memoráveis festivais, no ginásio do Ibirapuera, em São Paulo, organizado pelo programa "Caravela da Saudade", com a participação de todos os grupos existentes na época. O Rancho Folclórico Verde Gaio destacava-se, fazendo jus a sua fama. Era ovacionado pelo público que superlotava o ginásio. O Rancho foi e é um exemplo a ser seguido por outros, sendo agraciado com muitos troféus, em vários festivais em que participou, ao longo dos anos.

As visitas a festas de intercâmbio cul-



Bandeira, símbolo do Centro Português, ostentada as respectivas fitas presenteadas por outras agremiações. O galhardete que é tradicionalmente entregue na primeira visita do Rancho a outras agremiações, é exibido por um dos componentes do Rancho Folclórico Verde Gaio.



Apresentação do grupo de samba com a respectiva porta bandeira e seu mestre sala.

tural, feitas pelas associações portuguesas do Brasil, são uma constante na vida do Verde Gaio, contando, para isso, com o mais irrestrito apoio das diretorias do Centro Português.

Também as populares festas juninas brasileiras contam com a participação do nosso rancho, ocasião em que levam as tradicionais marchas de Lisboa, com seus arcos e balões. Outra tradição presente é participar das procissões dos festejos religiosos em comemoração ao dia de Nossa Senhora de Fátima, 13 de maio, como representantes do povo português.

Para o componente do Verde Gaio não há apresentação melhor que outra, seja nas festas de sua sede, onde é figura obrigatória, seja nas festas populares ou em praça pública. Invejável currículo faz parte em apresentações, em vários estados do Brasil, como: São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Goiás, Rio de Janeiro, onde retornaram diversas vezes, sentindo-se honrados em representar o nome do Centro Português de Santos.

O maior sonho dos componentes e admiradores do Rancho sempre foi levar sua

arte a Portugal, fonte de sua inspiração. Sonho que se concretizou, no ano de 1986, na gestão do Sr. Ernesto Vieira. Neste sentido foi fundamental o envolvimento, interesse e carinho daqueles que gostariam de homenagear a velha terra e a todos de quem descendem. Para que seu desempenho fosse o que se desejava, criou-se uma mini-escola de samba, com os próprios componentes do Verde Gaio, com instrumentos e fantasias características do samba, ou seja, não só o folclore português mas também o brasileiro divulgariam o nome do Centro Português de Santos, em Portugal.

A tarefa era enorme e pesadíssima quanto a questão financeira, e o empresário português Arménio Mendes, Homem do Centro Português, espírito patriótico e orgulhoso de suas raízes viu, de imediato, toda a grandeza do empreendimento e deu patrocínio necessário para fazer o sonho de 40 componentes a realização de seu próprio sonho como emigrante: triunfar em Portugal!

Foi a maior glória vivida pelo Rancho. Porém, outras glórias estavam para ser vividas. Em 1992, na gestão do Sr. António de

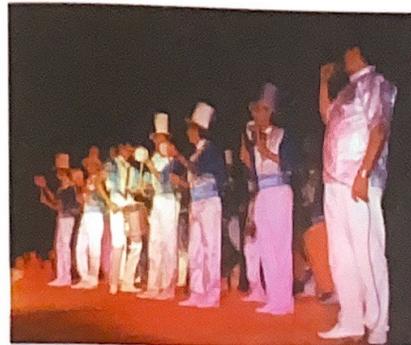


Grupo de passistas

Sousa Paixão, outra vez o Sr. Arménio Mendes não mediu despesas para o compromisso que tinha sido celebrado ainda em terras de Portugal, em 1986. Com emoção e euforia redobradas para a 2ª tournée, começaram os preparativos com a gravação do disco e a montagem de um "Super Show de Samba" de nível internacional, que o povo português

tanto adorou. Fantasias riquíssimas, com muitas plumas e paetês, foram a marca deste show, com uma bateria ensaiada pelo puxador de samba da "Escola de Samba X-9".

Os componentes muito orgulhosos do seu papel de sambistas, símbolo da homenagem da graça brasileira aos portugueses, despediram-se com um retumbante sucesso



Bateria da mini-escola de samba.

com a apresentação do magnífico show no Salão Alberto Ferreira dos Santos. Este acontecimento raro foi para todos motivo de espanto e elogios não foram poupados. O Rancho tornou-se uma celebridade Luso-Brasileira.

Em Portugal, o rancho teve o privilégio de se hospedar no Convento Rainha Santa Mafalda, na Vila de Arouca, sendo seu ponto de partida para as diversas regiões em que se apresentou sempre com contagiante alegria, recebendo diversas homenagens e levando aos quatro cantos de Portugal o nome do Centro Português de Santos.

Todos os que já assistiram a uma apresentação do Verde Gaio, qualquer que seja a sua origem, não se cansam de ressaltar a grande emoção e forte vibração que os contagia. Existe, por assim dizer, uma comunhão entre o público presente e o rancho, numa celebração de alegria.

Não há região de Portugal que não seja louvada ou cantada. Por ser uma casa que nasceu para acolher todos os portugueses, no Centro Português, o rancho representa Portugal de norte a sul. Tem grande e merecido orgulho seu vastíssimo repertório que é com certeza o mais variado, composto de: chulas, viras, rugas, malhão, fandango, modinha, rondas, fados valseados, etc. Três variedades de trajes típicos representam essa mescla de cultura: Varinas, da região Beira Litoral, Camponesas do Ribatejo, e os trajes da região do Minho, que são os principais do Rancho, todos autênticos adquiridos em Viana do Castelo, com seu colorido forte e riquíssimos bordados, tendo como complemento músicas alegres, tão ao gosto da colônia luso-brasileira.

Os componentes do Rancho Folclórico Verde Gaio eram, a princípio, portugueses. Hoje, são em sua maioria brasileiros, prova eloquente do carinho a Portugal.

O Rancho é formado por 13 dançadeiras, 12 dançadores, uma cantadeira, um cantor, três porta-bandeiras e uma tocada com sete músicos composta por acordeom, cavaquinho, violão, ferrinho, reco-reco e bumbo.

Nos concorridos ensaios do Rancho, formaram-se grandes amizades que resistem ao tempo e muitos casamentos saíram deste convívio familiar de jovens de rostos confiantes e almas alegres.

O maior mérito deve-se a seu mestre, Sr. Luís de Figueiredo, que, com admirável trabalho, é reconhecido em todo o Brasil por sua obra. É certamente obra de um mestre português!

Nossas homenagens aos componentes, que depois de terem colhido os louros do sucesso, tornam-se eternos apaixonados, incentivando novas gerações de outros apaixonados, que com o mesmo espírito, eternizam o que se tornou no Brasil a tradição mais festejada de Portugal.

Um rancho (ou um grupo folclórico) é a forma de expressão que preserva os usos e costumes de um povo, seus dançares e cantares na mais autêntica arte popular. O folclore justifica com muito orgulho o conjunto de tradições, poemas, lendas ou crenças populares, que marcam pela sua diversidade e originalidade. Um povo que conhece suas tradições é um povo com identidade. Portugal é um pequeno país orgulhoso de suas conquistas e tradições e grande é a alma sensível de seu povo.

8

Os Presidentes da Casa

*D*r. Manuel Homem de Bittencourt
(presidente perpétuo) 1895/1896

José Maria A. Magalhães - 1897

Antonio Domingues Pinto - 1898/1900

Antonio Maria Coimbra - 1901

Viriato Correa da Costa - 1901/1902

Antonio Marcos Ferreira - 1903

Luís Amado Lopes - 1905

José Pereira de Carvalho - 1906

José Lourenço da Silva Sobrinho - 1908

Antonio Joaquim Monteiro Morgado - 1911/1915

- José Antonio Araújo* - 1912/1917
Thomas Souto Correa - 1913
Avelino Fernandes Rodrigues - 1916/1919
José Thomás da Fonseca Júnior - 1921
Joaquim Moreira - 1922 a 1945
Dr. Manuel de Sousa Peres - 1945/1946
Domingos Cândido da Silveira - 1947 a 1949/ 1956 a 1959
Francisco Afonso Chaves e Melo - 1950
Gaspar Lopes Martins - 1950/1951
Amaro Lopes Martins - 1951 a 1954
Francisco Lourenço Gomes - 1955/1968
Joaquim Ribeiro Moura - 1959/1960
Manuel Tavares da Silva - 1961/1962
Sebastião Fernandes Henriques - 1963
Fernando Basílio de Oliveira - 1965/1966
Ângelo Amado - 1966/1967
Alípio Marques Tourigo - 1964 - 1969 a 1977
Fernando Martins Leite da Fonseca - 1978/1979
Alberto Ferreira dos Santos - 1980 a 1983
Ernesto Vieira da Silva - 1984 a 1987
Armênio Mendes - 1988/1989
Antonio de Sousa Paixão - 1990 a 1993
José Duarte de Almeida Alves - 1994/1995



Parte II

Fatos e Reminiscências



Juscelino Kubitschek de Oliveira em visita ao Centro Português em 1962.

9

Visitantes Ilustres

"É com a mais viva satisfação e com sincera e profunda emoção ao mesmo tempo que tenho a honra de abrir as páginas d'este livro, livro de honra de uma sociedade portuguesa em país estrangeiro. Admirador sincero e convicto das esplêndidas qualidades e provas irrecusáveis de patriotismo de que os meus patrícios têm dado tão admiráveis exemplos, devedor reconhecido de inúmeras gentilezas com que a colónia portuguesa me tem penhorado em todas as minhas visitas ao Brasil, esta magnífica terra de trabalho e de hospitalidade generosa, enternece-me, comove-me e enche-me de orgulho pôr a minha insignificante assignatura neste livro de visitantes. Agradecendo a honra que agora me é feita, saúdo com a maior effusão o Real Centro Português, imagem da nossa querida pátria, felicitando-o pela bella obra que, com admirável abnegação, constância, patriotismo, tenacidade e altruísmo, tem sabido realizar".

Santos, 12 de julho de 1903.

Bernardo Valentim Moreira de Sá
Professor da Escola Normal do Porto

Estas foram as palavras da abertura do livro de ouro de visitas. Livro este que testemunha a presença nesta associação das mais altas personalidades civis, militares, eclesiásticas, culturais, políticas e corpo diplomático, que ao vi-



O chefe da Igreja portuguesa, cardinal Carreira, agradecendo a homenagem ao Centro Português de Santos

"Foi para mim um motivo de prazer e de orgulho a visita a esta modelar instituição, que tão alto sabe levantar o nome português".

Julio Dantas (16.07.1923)

"Bem haja o Real Centro Português que me hospedou em serões de tanta amizade de tanta alegria!".

Armando Erse (João Luso)
(31/07/1938)

"De cada vez que me vejo entre portugueses, sinto pulsar mais fortemente nas veias o sangue da minha raça!"

Por isso foi para mim motivo de alegria e de orgulho oferecer a minha alma e o meu coração, através da minha arte, ao público carinhoso que me ouviu no Salão Camontiano, no Centro Português, prolongamento de Portugal neste lado do Atlântico".

Margarida Lopes de Almeida
Poetisa (25.07.1945)

"Fica-me o coração aqui".
+ *M. Card. Patriarca* (05.09.1946)

"Deixo aqui expressa a minha grande admiração pelo trabalho realizado pelo Centro Português de Santos".

Antibal Cavaco Silva
1º Ministro da República Portuguesa
(11.06.1988)

"Manifesto ao Centro Português de Santos a minha sincera admiração pelo "monumento vivo" que realmente são da cultura portuguesa no Brasil. O nosso país, os seus governantes e responsáveis políticos nunca poderão agradecer suficientemente a gran-

sitarem Santos, deixaram registrado no livro de presença a honra que sentiram em conhecer o Centro Português, símbolo do portuguesismo no Brasil.

Se fôssemos citar todos os testemunhos registrados faríamos outro livro. Por conseguinte, limitemo-nos a alguns:

"Muito agradecido pelo bom agasalho com que sou recebido nesta casa, deixo aqui meus votos pela prosperidade da sua obra de beneficência e aproximação social".

Rui Barbosa (08.07.1912)

"Passa o sucesso da viagem aérea de Lisboa ao Rio concorrer para a harmonia entre os portugueses e brasileiros e assim produzir uma maior harmonia de trabalho, da qual resultará prosperidade do Brasil, que deseja ardentemente".

C. V. Gago Coutinho (10.07.1922)

Grupo foto logo após a inauguração da placa comemorativa da visita do Presidente Craveiro Lopes ao Centro Português

deza que os nossos compatriotas de Santos acrescentam ao que somos lá no extremo ocidental da Europa.

Bem hajam!
Com muita amizade".

Manuela Aguiar
Vice-Presid. da Assemb. da República
(17.08.1991)

"Parabéns a esta verdadeira embaixada da cultura luso-brasileira".

Dom Duarte de Bragança
(04.03.1993)

"Na minha primeira visita oficial a Santos, exprimo a minha admiração - a minha emoção também - por esta casa venerá-



vel e venerada, prestigiosa e prestigiada. É um monumento ao portuguesismo no melhor sentido da palavra. É um pilar da sempre crescente aproximação luso-brasileira. Presto a homenagem à Obra, e também aos Homens que a fizeram, a fazem e farão. Espero manter com o Centro a melhor e mais profícua relação de estreita amizade e colaboração.
Santos, 29/1/94"

Pedro Ribeiro de Menezes
Embaixador de Portugal

"A visita a esta Instituição permite saborear aquela doce sensação de Ser Português. Aqui respira-se cultura e sente-se o peso da História de Portugal. A todos os que contribuíram e continuam a contribuir para o engrandecimento do "Centro Português de Santos" quero expressar o meu reconheci-

Prof. Dr. Anibal Cavaco Silva, 1º Ministro da República Portuguesa, indelido pelo Sr. Osvaldo Justo, prefeito de Santos e Sr. Armínio Mendes, presidente do Centro Português de Santos, em 11 de junho de 1988.



mento e na qualidade de Deputado da Assembleia da República Portuguesa o agradecimento pela "obra" que vêm realizando".

Santos, 94-10-13
Paulo Pereira Coelho
Deputado à Assembleia da República

"É com profunda alegria que visito Santos e conheço esta importante instituição. Através dela fica bem patente a importância da comunidade, o seu trabalho, o esforço

das suas realizações mas sobretudo o seu amor à Pátria.

Desejo que o vigor demonstrado até o presente - ano em que esta casa vai completar 100 anos - se possa perpetuar no futuro continuando todos os portugueses de Santos a honrar Portugal.
Bem hajam!"

Luis de Sousa de Macedo
Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas - (20.03.1995)

10

Escola João de Deus

Uma das principais finalidades da fundação do Centro Português foi a criação da Escola João de Deus, com a finalidade de dar aos portugueses oportunidades de instrução.

Dentre os professores convidados para a formação desta escola destacam-se: Firmino Antonio de Almeida, respeitado professor português e um dos fundadores do Centro Português e o brilhante jornalista, escritor e professor Alberto Veiga, que adotou o sistema de ensino pelo método "João de Deus".

João de Deus, poeta português, Ministro da Instrução e do Trabalho em Portugal, criou um sistema de leitura "Cartilha Maternal", que obteve êxito e valor pedagógico por suprimir o chamado método de soletração ainda em uso naquela época. Criador dos Jardins Escola e fundador das escolas móveis pelo método "João de Deus".

A escola de curso primário, mantida pelo Real Centro Português, tinha suas aulas no horário noturno, gratuitas aos sócios e filhos. Pelos seus relevantes serviços prestados à cidade, tornou-se de grande valor cultural e educacional, naquela época, em virtude da carência da rede escolar municipal.

Por ela passaram grandes nomes de inspetores

literários: Martins de Menezes, José Jorge Cazeiro, Helvécio de Andrade, Luis Cardoso e Cruz Maia.

Os exames eram feitos por uma comissão julgadora, composta sempre por ilustres educadores da municipalidade do mais alto nível: Dr. Castro Lopes, Manoel Carvalhal, Sr. Arthur Leite, Sr. tenente-coronel Ascendino Moutinho, Lobo Vianna, entre outros.

Além do currículo escolar de alto nível, os alunos aprendiam a amar e respeitar o Brasil, o que era sempre elogiado pelos examinadores, que cumprimentavam seus

professores pelo seus êxitos.

A escola também se notabilizou com curso de dança e música, ministrada pelo professor e maestro João Gonçalves Lobo, cujos alunos formaram a Banda do Centro Português, que, com a dissidência de vários alunos veio a fundar Sociedade Musical Colonial Portuguesa.

Constava do currículo da Escola João de Deus: curso de francês, com aulas duas vezes por semana, aulas de esgrima; aulas de tiro ao alvo e aulas de arte dramática, que deu início à fundação do Corpo Cênico do Centro Português.

11

Monarquia x República

Fracassada a tentativa revolucionária, em Portugal, do partido republicano, com o assassinato do rei D. Carlos I, desencadeia-se crescente agitação política entre monarquistas e republicanos, durante o governo de D. Manuel II, o que influencia a cisão da colônia portuguesa santista, com a fundação do Centro Republicano Português em 4 de julho de 1909. Mesmo sendo proclamada a República em Portugal, em 5 de outubro de 1910, mantiveram-se em Santos ainda por muito tempo as rivalidades partidárias entre monarquistas e republicanos, culminando com o episódio conhecido como: "Assalto ao Real Centro Português". (Jornal "A Tribuna" de 19/12/1915).

Na gestão do presidente Monteiro Morgado, durante uma conferência sobre o tema: "Portugal e a Guerra", o Salão Camoniano, encontrava-se repleto de espectadores e fervilhava o sentimento de rivalidades políticas. Tal exaltação levou, ao término da palestra, a gritos frenéticos de alguns radicais:

— Viva a República! Morra a Monarquia!

Tumulto geral. Foi disparado um tiro. Quebram-se vidraças. Correrias pelos salões. Os rebeldes arriam a bandeira azul e branca e içam a bandeira republicana. A polícia intervém. Evacua-se o Salão e o povo permanece no portão de entrada e nas calçadas. Pistolas, bengalas e revólveres

foram encontrados no Salão de Bilhar, deixados pelos extremistas. O Delegado de Polícia, Dr. Bias Bueno, demonstra a intenção de entregar as chaves a autoridade consular portuguesa, nesta cidade. Tal fato só não se concretizou, porque os diretores da casa não deixaram a sede do Centro, findo o acontecimento, retirando-se depois da polícia.

A par das fortes emoções fica aqui registrado que alguns diretores e associados

do Real Centro Português se transferiram para o Centro Republicano, alegando que este correspondia mais às suas ideologias e que não existiam mais motivos para pertencerem ao Real Centro, que, diziam eles, era monarquista, já que ostentava a coroa e o Real, apesar de terem contribuído para a construção do belo edifício, sendo alguns deles até benfeitores e beneméritos do Real Centro Português.

12

Grêmio das Camélias

*F*undado a 3 de março de 1913, a primeira diretoria deste Grêmio foi proposta por Antonio Monteiro Morgado e acolhida com aclamações gerais.

O Grêmio das Camélias era composto por esposas e filhas de associados do Real Centro Português, que elevaram o nome da entidade com promoções de classe e alegria. Sempre concorridos eram seus Chás Dançantes mensais, saraus literários, belíssimos concertos ao piano e famosos bailes, como os inesquecíveis "Baile Azul" e "Baile de Carnaval", que permaneceram no espírito de quantos deles participaram. Entre tantas realizações destacamos: leilão de prendas e promoções beneficentes.

Participaram do Grêmio das Camélias: Laura Corte Real (1ª presidente), Irene de Moraes (1ª secretária), Laura Barbosa (1ª tesoureira), Lina Corte Real, Anita Barone, Brígida Monteiro Morgado e Chiquinha dos Santos (1ªs diretoras), Odília Souto Correa (2ª presidente), Oscalina Ferreira (2ª secretária), Amélia Fonseca (2ª tesoureira), Arminda Chaves, Iracema Pereira (2ªs diretoras), Maria Noyal, Guilhermina da Piedade, Palmira do Carmo, Rosa do Carmo, Maria dos Santos, Adriana Ferreira, Carolina do Carmo, Alzira Alves, Alice da Luz, Lídia Vieira, Rute Vitória, Julieta Vieira, Maria Vieira, Francisca Dias, Carolina Alves, Sinhazinha Guimaraes, Ester Sampaio, Rita dos Santos,

Marotes Ferreira, Lucília da Fonseca, Olímpia Fonseca, Maria Monteiro, Maria Colegã, Adélia Corte Real, Rosa Montes, Dioguina Montes, Alice Dias, Negrina de Souza, Rosa de Queirós, Maria Teixeira, Zilda Bittencourt, Isaura Bittencourt e Maria Amália.

Mulheres desbravadoras, num tempo em que não eram reconhecidas intelectual e culturalmente, persistiram até 1915, só voltando a atividade em 1994 com o atual Departamento Feminino.



Foto referente a eleição do Grêmio das Camélias. A terceira sra. da esquerda para a direita — Laura Corte Real, 1ª presidente do Grêmio. A segunda sra. da direita para esquerda — Chiquinha dos Santos, diretora. Ao centro Sr. Antonio Monteiro Morgado.

13

Ação Beneficente

Um dos fundamentos da criação do Centro Português era a ajuda aos humildes e desprotegidos.

A entidade se notabilizou ao longo da sua história com seus atos filantrópicos.

No começo do século, por ocasião das grandes epidemias que assolavam Santos, o Centro Português cedeu suas dependências para atendimento de socorro às vítimas.

Era constante a assistência a famílias portuguesas necessitadas, assim como, a repatriação de patricios mal sucedidos.

Inúmeras festas tiveram sua renda revertida em prol de campanhas assistenciais, a exemplo: Famintos de Cabo Verde, Flagelados do Nordeste, Vítimas de inundações, atendimento moral aos presos portugueses, assistência as crianças carentes de nossa cidade, ajuda a associações filantrópicas como: Casa do Ator, Lar das Moças Cegas, etc.

Atualmente, se reitera este fundamento com promoções beneficentes que abrangem instituições infantis e asilos, o que dignifica a nossa associação.

14

Bloco dos Convencidos

*N*o Carnaval, era costume as associações organizarem seus próprios blocos carnavalescos.

Desde a década de 20, o Bloco dos Convencidos do Centro Português, representando a corte, ficou famoso participando dos grandiosos corsos que se realizavam pelas ruas da cidade. Conhecidos eram seus componentes: Lord Lascala, Lord Samento, Lord Diléo, Meia-Garrafa, Careca, Rapadura, Tampinha, Covas-Covinhas, Verde-Rosa, Lord Baeta e muitos outros.

Além da sua tradição carnavalesca, também eram famosos os concursos que premiavam os melhores blocos que desfilavam pela cidade.

O Bloco dos Convencidos fez sucesso por várias décadas, originando, mais tarde, o Bloco do Centro Português que era reconhecido por sua animação contagiante e originais fantasias, chegando a ser convidado pela Secretaria da Prefeitura Municipal de Turismo para concorrer com um carro alegórico, nos desfiles de Carnaval. Pelas brilhantes apresentações, recebeu vários prêmios, alcançando o apogeu nos anos 60.

15

Hora Literária

*O*uvir poemas declamados pelos próprios autores foi um privilégio de uma época como a que marcou o começo do século. O Centro Português viveu com muita intensidade o tempo em que a poesia premiava os salões e enriquecia a vida social. Grandes poetas santistas, que contribuíram com sua arte para a história da poesia no Brasil, tinham presença constante nos famosos saraus literários realizados no Salão Camoniano.

Tanto os saraus literários, como a Hora Literária e os Jogos Florais, geraram diversos festivais de poesia que revelaram novos poetas, assim como também lançamentos literários como o magnífico poema "Prometeu" de Martins Fontes, declamado pelo próprio autor:

"Filho da minha dor, causa do meu castigo,
Homem! Tudo de ti dei, dando-te o coração!
Desde o primeiro alento a teu último abrigo,
Eu, teu pai, te leguei, eu te fiz, meu irmão!

Eu sou tu! E eis por que te agasalho e bendigo!
Sentir-me hás animar-te, em transubstanciação:
No vinho do meu sangue ardes tu, meu Amigo,
E eu transfundo-me em ti, na carne do meu pão!

Estatutário, moldei-te à minha semelhança.
E o espírito insulflei-te, a alma, o fogo, a fremir.
E os deuses te imanei, concedendo essa herança!
E, apiedado, afinal, desvendando o porvir,
Permiti-te a ilusão, ofertei-te a esperança
Que, como Eco, responde, apesar de não vir!"

Martins Fontes gozava do prestígio de grandes amigos, como o imortal Olavo Bilac, "o príncipe dos poetas", que honrou com sua presença o Centro Português, onde declamou por diversas vezes poesias de sua autoria:

Ah! quem nos dêra que isto, como outrora,
Inda nos comovesse! Ah! quem nos dêra
Que inda juntos pudéssemos agora
Ver o desabrochar da primavera!

Saiamos com os pássaros e a aurora...
E, no chão, sobre os troncos cheios de hera,
Sentavas-te sorrindo, de hora em hora:
"Bejemo-nos! amemo-nos! espera!"

E esse corpo de rosa rescendia,
E aos meus beijos de fogo palpitava,
Alquebrada de amor e de cansaço...

A alma da terra gorgeiava e ria...
Nascia a primavera... E eu te levava,
Primavera de carne, pelo braço!"

Outros poetas santistas, como Vicente de Carvalho, o "poeta do mar", enriqueceram a Hora Literária com seus poemas:

"Mar, belo mar selvagem
Das nossas praias solitárias! Tigre
A que as brisas da terra o sono embalam,
A que o vento do largo ereija o pêlo!
Junto da espuma com que as praias bordas,
Pelo marulho acaalentada, à sombra
Das palmeiras que arfando se debruçam
Na beirada das ondas — a minha alma
Abriu-se para a vida como se abre
A flor da murta para o sol do estio.

Quando eu nasci, rajava
O claro mês das garças forasteiras;
Abril, sorrindo em flor pelos outeiros,
Nadando em luz na oscilação das ondas,
Desenrolava a primavera de ouro.
E as leves garças, como folhas soltas
Num leve sopro de aura dispersadas,
Vinhão do azul do céu trubilhonando
Pousar o vôo à tona das espumas..."

Um dos mais ricos testemunhos poéticos no Real Centro Português foi a homenagem de Valdomiro Silveira, iniciador do conto regionalista na literatura paulista, a seu ilustre amigo Martins Fontes, em um sarau literário e cívico em 10 de junho de 1933, quando declamou o soneto:

"A água te igualarei pela bondade,
E pelo gênio te comparo à luz.
Mas tens com ambas tal identidade,
Que não sei delas a que mais seduz.

A és tes dois esplendores, em verdade,
A estas duas purezas fazes jus:
Tanto irradias de uma a claridade,
Quanto a consolação que a outra produz.

Sábio o Santo, mil vezes te bendigo,
Aos céus proclamo, ao te beijar a mão,
Que a minha glória foi viver contigo.

Sombra serei da nossa adoração:
Porque és divino, meu perfeito amigo!
Porque és perfeito, meu divino irmão!

A participação de vários poetas entre eles: Raimundo Correia, Alberto Vieira, Mariano Gomes, o literato Agenor Silveira e muitos outros, contribuiu para proporcionar ao público deliciosos momentos de arte e cultura.

Os saraus literários do Centro Português eram a extensão de uma característica comportamental de uma época poética na vida de Santos, que sempre primou pela valorização da arte literária. Em 5 de janeiro de 1920, Menotti Del Picchia já dedicava uma crônica falando da pujança da cidade: "Santos, além de ser o mercado onde se resolve a vida econômica do Estado, pela sua cultura e pelos seus artistas, impôs-se singularmente como um centro mental notável. Os nossos pintores procuram a cidade de Brás Cubas, fazendo jus a duas espécies de consagrações: artísticas e financeiras. As melhores companhias representam nos seus teatros; concertistas célebres exibem-se nos seus salões. Promovem-se conferências e festas literárias nos seus clubes; organizam-se jogos florais e ligas. O trabalho mental, ao lado de uma efervescência comercial admirável, agita a sua vida intensa e febril. Talvez nem mesmo os próprios santistas observem esses fenômenos. Quem, porém, a certa distância, lhe segue o tumulto da sua vida e progresso, constata, com simpatia e admiração, todo esse latejar de vitalidade".

16

O Último Presidente do "Real" Centro Português

*N*a gestão do sr. Joaquim Moreira, presidente por mais de 20 anos consecutivos, no ano de 1945, duas grandes polémicas dividiam os associados do Real Centro Português de Santos, que tiveram que se manifestar a respeito do que seria o futuro do Real Centro.

O Ministro da Justiça fazia cumprir o decreto-lei nº 383 que exigia que uma associação estrangeira não poderia ter sócios brasileiros como estava ocorrendo no Real Centro. Sendo assim, o Real Centro ficava restrito a três opções: 1ª) manter a sociedade estrangeira eliminando os sócios brasileiros "beneficentes", 2ª) nacionalizar-se, 3ª) dissolver-se entregando o património à Sociedade Portuguesa de Beneficência de Santos, herdeira legal do Centro Português de Santos. Muitos temeram pelo fim do Real Centro Português de Santos.

A outra polémica inadiável foi a retirada do título "REAL", concedido pelo rei D. Carlos I, antecedendo a sua designação.

Tais controvérsias ocasionaram três Assembléias Gerais, presididas pelo Sr. José Antonio Prior, culminado com a Assembléia Geral de 3 de junho de 1945, quando foi votada a supressão do "Real", na qual 113 sócios votaram pela supressão de 55 pela conservação; e a Reforma dos Estatutos, que asseguravam os diretores dos sócios brasileiros.

Apesar da decisão soberana da Assembléia Geral, o Sr. Joaquim Moreira discordou de tal decisão e contestou, renunciando ao cargo com mais de seis de seus diretores. Esta contestação resultou numa ação judicial, levada a efeito por Joaquim Moreira, Acácio Augusto de Almeida e José Antonio Prior.

O novo presidente eleito Dr. Manuel de Souza Peres houve por bem fazer com que desistissem da ação judicial, para o elevado propósito de contribuírem para uma maior união dos portugueses de Santos. Ficou assim na história, o Sr. Joaquim Moreira como o último presidente do "Real" Centro Português de Santos.

17

Orfeão do Centro Português de Santos

O quadro associativo do Centro Português de Santos sentiu-se regozijado com mais um atrativo cultural. O Orfeão do Centro Português, com grandioso programa, teve sua 1ª apresentação oficial ao público associado a 1º de dezembro de 1950, data do 55º aniversário do Centro Português. Composto de 35 figuras de ambos os sexos, sob a regência do maestro e professor Luiz Gomes da Cruz, nome dos mais festejados nos meios orfeonísticos de Santos, que, em apenas dois meses, conseguiu formar um conjunto de harmoniosas vozes, merecedor de grandes elogios.

Foi convidado para esta primeira apresentação o Dr. Oswaldo Paulino, digníssimo presidente da Orquestra Sinfônica de Santos, que, com brilhantismo, que lhe era característico, ao apresentar o exímio programa, elogiou a diretoria do Centro Português por mais este movimento cultural, motivo de orgulho para a sociedade de Santos.

Da belíssima apresentação constavam os números: "Saudação Orfeônica ao Centro Português", "Manhã de Sol", "Rifões", "Velas", "A Moda da Rita", "Boi Bumbá", e, por fim, o Hino Nacional Brasileiro. A Srta. Leda Silveira da Cruz, no início de cada número, interpretava expressivos textos de autoria do professor Gomes Cruz.

O Orfeão distinguiu-se não só por suas apresentações

na nossa sede mas também, por várias vezes, foi solicitado para recitais obtendo calorosos aplausos. Destaca-se a apresentação no Cine Caiçara em comemoração ao dia da cidade, organizado e patrocinado pela Comissão Municipal de Cultura, em conjunto com grande concerto pela Orquestra Sinfônica de Santos, em 26 de janeiro de 1954.

Figuras de grande realce artístico, como o virtuoso pianista Francisco B. Ferray, acompanharam musicalmente o Orfeão em inúmeros recitais, consagrando-se e obtendo grande sucesso.

Há que se destacar que, no terreno da arte, o Orfeão do Centro Português de Santos muito contribuiu para elevar o nível cultural de Santos.



Apresentação do Orfeão do Centro Português, tendo a frente o seu maestro o professor Luiz Gomes da Cruz



O Orfeão, preparado para a sua primeira apresentação. Ao lado o Dr. Oswaldo Paulino, fazendo a apresentação desse novo Departamento Artístico do Centro Português, em 1º de dezembro de 1950.

18

Revista Centro Português

Em 25 de maio de 1949, Vitorino Soares solicitou à diretoria do Centro Português, a autorização para circular uma publicação impressa, mensal, para divulgação de notícias do Centro Português e outras relacionadas com a colônia e artigos sobre Portugal, em edições de 1000 exemplares, que seria oferecida graciosamente aos associados do Centro Português. Este boletim denominou-se "Centro Português".

O primeiro número da Revista foi publicado em junho de 1949, obtendo ótima aceitação no seio da Comunidade Portuguesa da Baixada Santista, com repercussão em outros estados do Brasil.

A Revista divulgava as atividades realizadas no Centro Português e de outras entidades luso-brasileiras, assim como artigos literários e informativos do Brasil e Portugal.

Teve suas atividades encerradas ao completar o número 132 em junho de 1969, após 20 anos de existência, sob a competente gerência de Vitorino Soares e eficiente direção de A. Prada Soares.

19

Centro Português de Santos e as Associações Portuguesas

Sendo uma associação centenária, o Centro Português teve a honra de ser testemunha da criação de várias entidades luso-brasileiras que tiveram suas reuniões instauradoras nos Salões do Centro Português. Foram elas:

Sociedade Colonial Portuguesa, criada em 20 de fevereiro de 1897 (originária da Banda do Centro Português), cuja dissidência, em 1913, fez surgir a Sociedade Musical União Portuguesa, hoje **Sociedade União Portuguesa**.

Associação de Socorros Mútuos D. Carlos I, fundada em 1903, que tinha a finalidade de auxiliar os portugueses mal sucedidos em terras brasileiras. Hoje extinta em Santos.

Clube de Regatas Vasco da Gama, criado por um grupo de entusiastas do esporte do remo, em 2 de fevereiro de 1911.

Escola Portuguesa, fundada em 24 de julho de 1921, por iniciativa do professor Antonio Maria Guerreiro.

Casa de Portugal, criada em 1944 para desenvolver as relações culturais entre portugueses e brasileiros que apesar de seus nobres objetivos encerrou suas atividades em 1946.

UNELOS, União das Entidades Lusíadas de Santos, fundada solenemente no Salão Camoniano do Centro Português de Santos, por iniciativa do Dr. Eduardo Dias Coelho, em 29 de janeiro de 1963, o primeiro passo para a concretização da Funda-

ção Lusfada, mantenedora da Faculdade de Ciências Médicas de Santos.

Temos ainda o Rancho Folclórico

Tricamas de Coimbra, criado após uma dissidência do Rancho Folclórico do Centro Português, em 17 de agosto de 1962, com reunião instauradora no Esport Clube Senador Feijó.

Parte III

Atualidade

20

A Misteriosa Relíquia do Salão Camoniano

O livro comemorativo dos 100 anos do Centro Português de Santos foi precedido de uma minuciosa pesquisa nos arquivos do Centro Português, bibliotecas públicas, hemerotecas e testemunhos pessoais. De posse de vasta documentação o grupo de pesquisa do Departamento Feminino chegou à descoberta, no mínimo surpreendente: havia duas caixas depositadas no seio da laje do Salão Camoniano.

Tal possibilidade acendeu a curiosidade de encontrar o livro das primeiras atas, que se acha desaparecido.

No entanto, ainda restava saber em que local do Salão se encontravam e se eram verdadeiras as informações obtidas.

No dia 3 de maio de 1995, foi localizado o Sr. Manuel Neves Marques, carpinteiro, que trabalhou, em 1951, na colocação do soalho do Salão Camoniano, que confirmou tal descoberta. Na tarde do mesmo dia o grupo decidiu retirar as tábuas centrais do assoalho, na ansiedade de encontrar as tão históricas caixas. Para alegria de todos, foram encontradas duas latas de cobre totalmente lacradas, fato que, para o grupo de pesquisa, representou uma grande vitória!

Foi marcado para o dia 8 de maio de 1995 a abertura das caixas na presença do Conselho Deliberativo, Diretoria,

Departamento Feminino, dos convidados: Dr. José Pedro Machado Vieira, cônsul de Portugal, Dra. Clotilde Paul, professora de História, entre outros, com a presença dos meios de comunicação social.

Abertas as caixas, foram encontrados: documento referente à pedra fundamental do Centro Português, moedas e recortes de jornal da época da fundação, documentos de 1951: plantas da reforma, ata, Diretoria, comissão de obras, Conselho Deliberativo, Conselho Fiscal, conselheiros, orfeonistas, artistas do Corpo Cênico, recortes de jornais "A Tribuna" e "O Diário", revista "Centro Português", moedas do Brasil, Portugal, Cabo Verde, Argentina, Uruguai, Inglaterra,

da década de 30, 40 e 50 entre elas as comemorativas ao IV centenário da colonização do Brasil.

Sabendo-se que nas demolições de 1951, foram encontradas duas caixas com documentos relacionados com a fundação do Centro Português, e que foram substituídas na inauguração da laje, em 6 de outubro de 1951, por duas latas de cobre lacradas, uma com os primeiros documentos e outra com os documentos referentes ao grande empreendimento da época, decidiu-se manter esta tradição nas comemorações dos 100 anos, quando será depositada mais uma caixa com os documentos relacionados ao centenário do Centro Português.



A descoberta das "latas" escondidas sob o assoalho do Salão Camoniano.

21

O Ano do Centenário

Celebramos, em 1995, o centenário do Centro Português, data comemorada com júbilo pela comunidade de luso-brasileira. É tempo de render tributo às várias gerações que tão bem souberam manter e conservar esta associação e aos que continuam a servir e a enriquecê-la. Entre o passado e o futuro reside a esperança de conservar inabalado e engrandecido, num mundo em transformação, o grande legado deixado para as futuras gerações luso-brasileiras.

Para assegurar o futuro do Centro Português, mais importante que ter um grande número de associados, é ter um quadro formado por elementos que tenham noção de sua responsabilidade e conhecimento de um passado tão rico em história e cultura.

Com este espírito a atual diretoria está engajada no propósito de manter vivo o patrimônio arquitetônico e artístico de inestimável valor para a cidade de Santos.

O grande objetivo desta diretoria é realizar a restauração do edifício sede, uma obra de grande vulto e uma das razões que deixará marcado este centenário.

Compreende-se a restauração pela reconstituição de ornamentos externos e internos com características originais,

hidrojateamento nas fachadas, pintura externa e pintura decorativa original nos salões internos, esquadria das janelas e portas, com substituição das madeiras danificadas, troca de ferragens, pintura das mesmas e substituição dos vidros quebrados, eliminação de infiltrações no telhado, com limpeza de calhas e troca do vigamento comprometido. Na parte elétrica, troca da fiação e todas as especificações necessárias para um funcionamento adequado às necessidades atuais, reconstrução do piso do cinema, poltronas, palco e camarins. Com esta finalidade foi eleita uma comissão de obras composta por: José Duarte de Almeida Alves, Alexandre Monteiro Albano, Edson Pimenta, Manuel de Almeida, Augusto Dias, José Gomes e Marco Alexandre Coelho Albano.

Para o início deste empreendimento, como é tradição da casa quando de obras vultuosas, foi aberto um "livro de ouro", para doações. Envolvendo assim, mais uma vez, a colônia portuguesa, órgãos governamentais brasileiros e portugueses, empresários e associados, com a finalidade de concretizar uma obra desta dimensão, contando também

com o apoio e incentivo do atual cônsul de Portugal Dr. José Pedro Machado Vieira.

Não deixa de ser oportuno, registrar o reconhecimento de excepcionais méritos do Sr. José Duarte de Almeida Alves, presidente em exercício, homem determinado, com a exata visão histórica portuguesa, negando empecilhos, assumindo assim a postura da velha estirpe lusitana que tão bem esprime os ideais pioneiros desta casa.

Agora, o Centro Português conta com o Departamento Feminino que impulsiona as atividades sócio-culturais e eventos recreativos destinados a sócios, amigos e familiares, que primam pelo acolhimento carinhoso tão peculiar de uma casa portuguesa.

Hoje, mais do que nunca, o Centro Português sente-se renovado no eterno sentimento de humanismo, solidariedade e altruísmo. Reflete o espírito do imigrante português que fez do Brasil sua segunda pátria, representando o entrelaçamento cultural que tanto enriquece os dois países.

Conselho Deliberativo

Presidente

Antonio de Souza Paixão

Vice Presidente

Fernando Martins da Fonseca

1º Secretário

João Gomes Ferreira

2º Secretário

Adelino Rodrigues

Conselho Fiscal

Antonio da Silva

Nelson Oliveira Bueno

Odair Fonseca



Diretoria Executiva

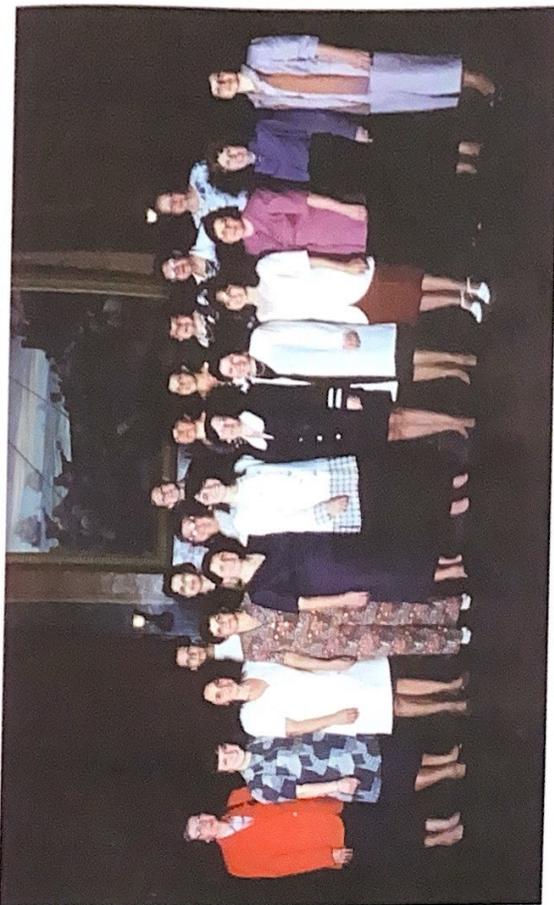
Presidente: *José Duarte de Almeida Alves*
Vice Presidente: *Dr. Eduardo Francisco da Silva Tavares*
1º Secretário: *Antonio Fernandes Gonçalves Pires Filho*
2º Secretário: *Carlos Santos Ferreira*
1º Tesoureiro: *Reinaldo Tavares Brandão*
2º Tesoureiro: *Manuel de Almeida*
Diretor Recreativo: *Alexandre Monteiro Albano*
Diretor Adjunto: *Osmar Gaspar Gonzalez*
Diretor de Sede: *Edson Pimenta*
Diretor Adjunto: *Valter Fontoura Fernandes*
Diretor Beneficiário: *Fernando Fontes Henrique*
Diretor de Patrimônio: *Augusto Dias*
Diretor Adjunto: *José Gomes*
Diretor Bibliotecário: *Dr. Manuel do Nascimento Ramos*
Diretor Adjunto: *Aires Pedro dos Santos*
Diretor Cultural: *Armando Henriques Lopes*
Diretor Artístico: *Luiz de Figueiredo*
Diretor de Divulgação: *Leonardo Augusto Martins Netto*
Diretor Jurídico: *Dr. José Carlos Otero Quaresma*
Diretores de Apóio: *Adérito Miranda*
Antonio Fernandes de Almeida
Antonio Lourenço Gomes
Fernando Ferreira Teixeira
Francisco Hermes de Oliveira
José Luiz Simões
Marco Alexandre Coelho Albano
Walmir Justo M. Neto



Departamento Feminino

Presidente: *Maria de Fátima Pereira Alves*
Vice-Presidente: *Regina Célia F. Lopes Tavares*
Secretária: *Ana Maria Pereira Gonzalez*
Tesozeira: *Diomira Martins Brandão*

Diretoras: *Adelaide Blanco*
Adélia dos Santos Lopes
Angelina Maria Ribeiro
Dulce de Castro Ferreira
Eliane Aparecida Martins Pires
Fernanda Pires Gomes
Helena Justo Martins Neto
Heloisa Helena Paiva Fernandes
Leticia Mauri da Fonte
Madalena da C. Coelho Albano
Maria da Conceição Souza Teixeira
Maria das Dores R. Almeida
Maria de Lourdes Queiroz Marques
Maria de Lourdes Santos
Maria dos Anjos Rodrigues Gomes
Maria José Pimenta
Maria Judith Quaresma
Maria Luiza Quaresma
Maria Mercedes de Almeida Dias
Drª Neide Gimenez B. Ramos
Olimpia Conceição Fernandes
Palmira Café Miranda
Regina Dias Pinho
Tânia Maria Coelho D. de Oliveira
Zilda Ventura de Almeida



O Atual Presidente

José Duarte de Almeida Alves nasceu a 20 de Maio de 1949, em Vale de Cambra (Portugal). Foi professor de Educação Física, na Escola D. Afonso Eanes de Cambra, em Vale de Cambra, e do Externato do Vouga, em Sever do Vouga (Portugal). Em 1975, radicou-se em Santos (Brasil), onde se tem dedicado à vida empresarial e comercial. Em 1976, casou-se com D. Maria de Fátima Pereira Alves, de quem tem dois filhos, Paulo e Daniel. Foi agraciado com a medalha Anchieta pela Câmara Municipal de S. Paulo e Comendador da Ordem Fraterna de Cristo, em 1994. Em 1995 recebeu o troféu Dedicção e Prestígio pelo trabalho desenvolvido em prol da Comunidade Portuguesa. A Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas atribuiu-lhe, no ano em curso, a medalha de ouro, como reconhecimento das actividades desenvolvidas. Também possui o Diploma de Benemerência da Casa da Criança, pela acção benemerita em favor do projecto de amparo à infância. Conselheiro da Casa da Criança, é Vice-Presidente do Conselho da Comunidade Portuguesa de Santos. Para além de director de sede do Centro Português de Santos, exerceu ainda o cargo de Vice-Presidente da mesma instituição. É Presidente do Centro Português, desde Janeiro de 1994.



Referências Bibliográficas

- Franco, Jaime**, "A Beneficência", Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais Ltda, São Paulo, 1951.
- Franco, Jaime**, "Gente Lusa", Instituto D. Escalástica Rosa, Santos, 1945.
- Gaerretiro, Jorge e M. Regina G. Carvalho**, "Enciclopédia Lusófona - Presença Portuguesa no Brasil", 1º volume, Edição Notícias de Portugal, Comercial e Edições Gráficas S. Vicente Ltda, 1971.
- Mello, Pedro Hünem de**, "Folclore", Editora Ática, Lisboa, Livraria Bertrand, Porto, 1970.
- Paul, Clotilde**, "Associação Portuguesa da Baixada Santista", Coopag, CRL, Porto, 1986.
- Rodrigues, Otao**, "Cartilha da História de Santos", Gráfica A Tribuna - Jornal e Editora Ltda, Santos, 1980.
- Rodrigues, Otao**, "Nos tempos de nossos avós", Gráfica A Tribuna - Jornal e Editora Ltda, Santos, 1976.
- Santos, Francisco Martins dos**, "História de Santos", Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais", São Paulo, 1937.
- Almanaques:** Almanaque Anário "Diário de Santos" - 1902 - 1903.
Almanaque de Santos - 1969, 1971.
- Revistas:** Soares, A. Prada, Revista mensal "Centro Português", Linetécnica - Gaudêncio Thomaz, Santos, 1949 a 1969.
Revista "Flama" - 1954, 1955.
- Enciclopédias:** "Delta Larousse" - Editora Delta S.A., Rio de Janeiro, Brasil, 1967.
"Lello-Universal" - Dicionário Enciclopédico Luso Brasileiro.
Lello & Irmão, Porto.
"Bursa" - Enciclopédia Britannica Editores Ltda, Rio de Janeiro, São Paulo, 1967.
- Jornais:** "A Tribuna" - Jornal e Editora Ltda
"Diário de Santos"
"Cidade de Santos"
- Fontes primárias de pesquisa:** Livro de atas da fundação.
Livro de atas de reuniões de Diretoria.
Livro de atas do Conselho Deliberativo.
Livro de atas das Assembleias Gerais.
Livros de ouro e de Registro de Presença do Centro Português de Santos.